

15.47

CIDADES, ARTE, PATRIMÔNIO, CULTURA

NESTA EDIÇÃO

60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA

BRASÍLIA NUNCA SERÁ "MAIS DO MESMO"

CIDADES (IN)VISÍVEIS BRASÍLIA

BRASÍLIA O PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE DA UTOPIA À ENTROPIA

BRASÍLIA EM ORAÇÃO

NOVAS ARTES EM BRASÍLIA

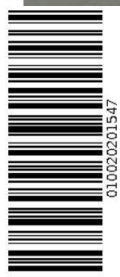
"CANDANGO NA FOTO" EM BRASÍLIA

CRÔNICAS DE BRASÍLIA CONVERSA DE AEROPORTO

MÚSICA EM BRASÍLIA - O TOM DA CONVERSA

O BOM DESIGN DE BRASÍLIA

BRASÍLIA E PRESERVAÇÃO



010020201547

Outubro-2020
Edição 01
Nº 01

PARABOLOIDE.COM

WWW.PARABOLOIDE.COM



Editorial

ANGELINA NARDELLI QUAGLIA

A cidade de Brasília completou seus 60 anos de fundação e ao longo deste tempo, quebrou inúmeros paradigmas com sua existência. Com uma trajetória vertiginosa, trouxe consigo além da boa arquitetura e do urbanismo modernista (por vezes tão criticado), uma grande quantidade de arte, cultura e muita poesia. Trouxe pessoas, os inúmeros "brasis" que aqui vivem.

Hoje a capital do Brasil é a terceira maior região metropolitana do país, estando atrás apenas de São Paulo e Rio de Janeiro. Pode-se afirmar que a grande metrópole Brasília possui bagagem cultural de qualidade, e já esboçou tradições próprias, com peculiaridades interessantes, como as gírias aqui proferidas (né véeeeei?). Agregou tantos que já se mostrou há tempos, uma verdadeira Babel de cultura e de conhecimentos populares.

Esta edição inicial da revista 15.47 (e algumas outras que virão) traz Brasília como foco de interesse, a fim de homenagear a aniversariante, nossa sexagenária!

O nome 15.47 (quinze quarenta e sete) remete as coordenadas geográficas da cidade, e despretensiosamente, sugere a que viemos. Todos dispostos a representar a cidade, a sua arquitetura e urbanismo, suas artes (plásticas, musicais, fotográficas e gastronômicas), as suas crônicas, fomentar o turismo, e instigar a curiosidade. Ou seja, documentar a partir da revista.

Desejamos ser coordenada, ser ponto de encontro, e representar Brasília. Pretendemos ressignificar!

Em nome de toda a equipe, esperamos que gostem!



Equipe editorial e Convidados



Angelina Nardelli Quaglia

Arquiteta Urbanista, mestre pela UnB, atua como artista plástica desde a década de 90. Sócia diretora na empresa PARABOLOIDE. INCUBADORA DE IDEIAS, e idealizadora de projetos culturais como o 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA, e da revista 15.47, onde é responsável pela direção e coordenação editorial, e nesta última é a responsável pelas colunas UM PROJETO PARA BRASÍLIA, que busca trazer projetos de arte, cultura, patrimônio, políticas públicas e demais temas relacionados à Capital Federal; O BOM DESIGN DE BRASÍLIA, apresentando reportagens sobre a criação na capital e seus designers; e DESIGN CRIATIVO E ARTE URBANA BsB, onde entrevistará designers ligados as artes gráficas e urbanas.

Patrícia Iunes Ávila e Silva

Historiadora da Arte e Marchand, atua como pesquisadora no segmento artístico há mais de 15 anos, quando inaugurou o escritório de arte ArtBSB. Em seu trabalho, procura aliar a atividade comercial à disseminação de conteúdo. Dentre os vários projetos já realizados estão a criação de textos curatoriais de importantes exposições, a criação do Blog "Sobre Arte e Arrepios" e a recente participação no documentário 60 Olhares sobre Brasília. Na revista, além de membro do grupo diretor, assinará a coluna ARTE E HISTÓRIA, onde trata de assuntos ligados a arte e seus desdobramentos no âmbito social contemporâneo. Com trânsito fácil entre os ateliês e galerias da cidade, trará aos nossos leitores um olhar muito próprio, por vezes instigante, do que é produzido e apresentado em Brasília.



João Diniz

Arquiteto Urbanista mineiro, escritor, conteudista digital, professor no curso de arquitetura e urbanismo (FUMEG - MG), mestre em engenharia civil com ênfase em estruturas metálicas (UFOP), e doutorando pela UFMG. Em seu currículo contam, além dos projetos significativos de arquitetura e urbanismo, exposições nacionais e internacional, cenografias, Produção de design, documentários e curtas, livros, dentre outros. Como escritor constam 26 livros já publicados, 27 textos, fora os novos trabalhos, já iniciados.

Membro do grupo diretor, também assina a coluna ARQUITETURA E PERCEPÇÃO, onde trará debates acerca dos temas que permeiam as observações sobre a cidade, a arquitetura e o indivíduo.



Frederico Flósculo

Arquiteto Urbanista, professor Adjunto da Universidade de Brasília - UnB, mestre e doutor em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (2009), além de escritor. Entre suas publicações estão os livros Metodologias da Projeção Arquitetônica: Evidências Gráficas, Contos de cartomantes, e Thalija aventuras brasilienses em busca da cidade oculta, este último uma belíssima história em quadrinhos.

Na 15.47 é responsável pela coluna BRASÍLIA PATRIMÔNIO, onde tratará de temas sobre assuntos relacionados ao patrimônio Brasília e assuntos voltados a sua preservação, legislação de preservação e demais temas.

Malu Perlingeiro

Artista plástica profissional, representante do Conselho Curador do Colege Arte na seleção de artistas do DF, para o Circuito Internacional de Arte Brasileira. Associada do SINAP-ESP/AIAP (The United National Educational, Scientific and Cultural Organization - UNESCO), Ente e Agente Cultural concedida pela SecultDF, sócia fundadora da Associação Candanga de Artistas Visuais (ACAV).

Membro da equipe editorial da 15.47, também escreve a coluna NOVAS ARTES EM BRASÍLIA, trazendo entrevistas e reportagens sobre novos talentos da arte em Brasília e no Distrito Federal, bem como referências de novos e tradicionais espaços de exposição em Brasília.



Rubens Perlingeiro

Historiador, geógrafo, cronista, Oficial de Marinha (graduado em Ciências Navais) e pós-graduado em Ciências Políticas.

Suas publicações comentam de forma bem-humorada o comportamento humano, provocando inúmeras risadas e por vezes, comparações com situações que em algum momento, podemos ter presenciado em nossas vidas, e que nos fazem sorrir. Dentre suas publicações está o livro A Peruca do Defunto. e Outras Situações Improváveis.

Responsável pela coluna CRÔNICAS DE BRASÍLIA, e também um dos membros da equipe editorial.



Jorge Nassar

Músico e Compositor desde a década de 90, participou de projetos musicais importantes, sendo o responsável pela coordenação musical do projeto 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA.

Com facilidade para a criação, escreve e dirige como co-criador o projeto CRIATIVAMENTE, direcionado a área de entretenimento digital.

Na revista 15.47 é membro do corpo editorial, e responsável pela coluna MÚSICA EM BRASÍLIA - O TOM DA CONVERSA, onde entrevistará músicos brasilienses, atuantes na Capital e fora dela, trazendo temas de relevância nacional e internacional, boa musical, boas histórias e debates sobre temas diversos ligados a música, espaços de espaços para shows em Brasília e entretenimento.

Renata Correa

Arquiteta Urbanista formada em Brasília, atua na profissão como Arquiteta num dos maiores escritórios de Brasília. Por seu projeto final, que apresenta nesta edição, foi finalista regional do Ópera Prima, um concurso nacional de trabalhos finais de graduação em Arquitetura e Urbanismo, com participação aberta aos melhores trabalhos finais de graduação de alunos já formados.

Responsável pela coluna NOVOS ARQUITETOS, trará novos talentos da arquitetura, bem como apresentar os novos arquitetos da capital federal, e demais cidades brasileiras.



Beatriz Berçott

Fotógrafa e designer gráfica, vem ser uma das sócias da PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias, e auxiliou na formatação do projeto 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA. Atua nas áreas de fotografia e criação, desenho com softwares de arte, criação de maquete 3D, e produção de artes visuais. Também é sócia fundadora da Bia's Photos, onde atua no segmento de fotografia e criação fotográfica, com contratos voluntários e gratuitos, e particulares.

Na revista 15.47 é uma das responsáveis pela diagramação e orientação de fotografia.



Luciana Azevedo

Fisioterapeuta desde 1994, atuando, desde então, na área de geriatria e neurologia, em atendimento domiciliar.

Palestrante em formações de encontros matrimoniais e de jovens no Distrito Federal.

Missionária em comunidades carentes, no entorno do Distrito Federal, na formação e evangelização cristã.

Junto a Jézer Júnior, será responsável pela coluna BRASÍLIA EM ORAÇÃO, onde nesta revista 115.47 serão tratados os assuntos relacionados a fé cristã em Brasília, trazendo aspectos importantes da fé e do conhecimentos relacionados ao tema.

Jézer Júnior

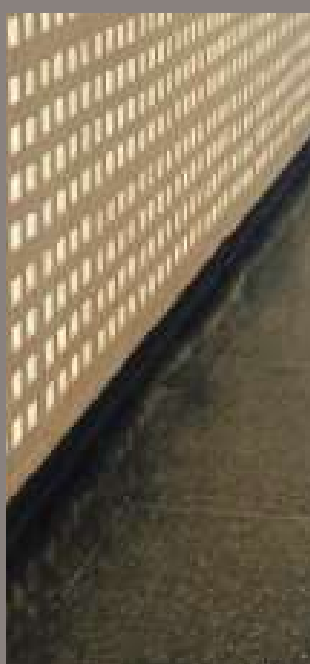
Bacharel em Direito, com especialização em Direito Público, escritor, palestrante, professor no curso “Escola da Fé” nas matérias Mariologia, Cristologia, Espiritualidade, Doutrina Social da Igreja e Catequese.

Condutor de dois programas na Rádio Rede Imaculada 94,5 FM.

Junto a Luciana Azevedo, será responsável pela coluna BRASÍLIA EM ORAÇÃO, onde nesta revista 115.47 serão tratados os assuntos relacionados a fé cristã em Brasília, trazendo aspectos importantes da fé e do conhecimentos relacionados ao tema.



15.47
EQUIPE



07 **6o OLHARES SOBRE BRASÍLIA - O PROJETO**
Por Equipe PARABOLOIDE, incubadora de ideias LTDA.

11 **BRASÍLIA NUNCA SERÁ "MAIS DO MESMO"**
Por PATRÍCIA IUNES ÁVILA e SILVA

15 **CIDADES (IN)VISÍVEIS BRASÍLIA**
Por JOÃO DINIZ

21 **BRASÍLIA O PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE - DA UTOPIA À ENTROPIA**
Por FREDERICO FLÓSCULO

25 **NOSSA SENHORA ROGA POR NÓS**
Por LUCIANA FONSECA e JÉZER JUNIOR

29 **NOVAS ARTES EM BRASÍLIA FERNANDO RABUJA**
Por MALU PERLINGEIRO

32 **"CANDANGO NA FOTO" EM BRASÍLIA**
Por NILTON GONÇALVES

36 **CRÔNICAS DE BRASÍLIA CONVERSA DE AEROPORTO**
Por RUBENS PERLINGEIRO

37 **O TOM DA CONVERSA**
Por JORGE NASSAR

41 **O MUSEU E O USO DO ESPAÇO NA ORLA DO LAGO PARANOÁ**
Por RENATA CORREA

46 **O BOM DESIGN DE EBRASÍLIA Marcelo Bilac**
Por ANGELINA QUAGLIA

49 **PRESERVAÇÃO E BRASÍLIA**
Por CAU DF

Na próxima edição:

**GASTRO CITIES
RECEITAS DAS CIDADES
CAFÉ**

Por ANTONELLO MONARDO

FALANDO DE PATRIMÔNIO

Por LUIZ SARMENTO

OSCAR NIEMEYER

“

”A VIDA É IMPORTANTE; A ARQUITETURA NÃO É. ATÉ É BOM SABER DAS COISAS DA CULTURA, DA PINTURA, DA ARTE. MAS NÃO É ESSENCIAL. ESSENCIAL É O BOM COMPORTAMENTO DO HOMEM DIANTE DA VIDA.”

”

Uma homenagem ao arquiteto que nos ensinou ser a vida “um sopro”!

60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA

SE BRASÍLIA FOSSE UMA PESSOA, O QUE ESCREVERIA PARA ELA?

Por Equipe PARABOLOIDE



Brasília, a cidade monumental, foi a localidade escolhida pelas empresárias Angelina Quaglia e Beatriz Berçott, respectivamente arquitetura/urbanista/artista plástica, e designer gráfica/fotógrafa, para iniciar uma empresa que atua em múltiplos ramos da arquitetura, arte e cultura, dentre outras atividades correlatas, por acreditarem que, assim como a PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS, é a nossa capital federal, uma cidade sempre dinâmica, múltipla, e surpreendente, pronta para responder a pluralidade do mercado que atendemos!

O projeto 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA nasceu como um desejo em homenagear a cidade no ano em que ela completa sessenta anos de sua inauguração, bem como permitir a ressignificação histórica ofertando uma espécie de "curadoria" dos pertencimentos e das memórias referentes a cidade através de 60 cartas. A ideia surgiu entre as sócias da empresa e André Berçott, o principal colaborador formal, durante um bate papo sobre a necessidade em fazer um projeto para comemorar Brasília, demonstrando o amor e a gratidão pela capital.

MAS COMO HOMENAGEAR SEM TORNA-SE MAIS DO MESMO? O meio escolhido foram ESCRITAS DE CARTAS, COMO ANTIGAMENTE PARA BRASÍLIA!

“ Cartas escritas para um grande amor, uma amiga, um parente distante, uma despedida com ares de "já volto", das histórias das gentes que vivem e viveram aqui! SE BRASÍLIA FOSSE UMA PESSOA, O QUE VOCÊ GOSTARIA DE ESCREVER PARA QUE ELA SOUBESSE? Assim começou o projeto 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA! ”

Os três, brasilienses, optaram por ofertar como presente um projeto composto por 4(quatro) produtos, sendo estes: (i) um concurso de cartas para a cidade de Brasília, com o apoio do CASAPARK; (II) Uma exposição com 60 cartas escritas por convidados, e 10 cartas retiradas do concurso, também com apoio e permanência no shopping, com totens criados por Angelina Quaglia, com consultoria e construção de Marcelo Bilac (designer); (iii) o lançamento de um documentário, com parceria da INQUADRA filmes; (iv) e por fim, o lançamento de um livro, ao final do ano, onde os patrocinadores e escritores das cartas contarão um pouco de suas histórias com e sobre Brasília. Entretanto, tendo início a pandemia que assola o planeta neste ano de 2020, foram canceladas a exposição e o lançamento do documentário no cinema, este último lançado remotamente pelo canal do YOUTUBE com o mesmo nome do projeto.

A fim de dar continuidade ao projeto, e suprir a falta da exposição presencial, surgiu uma nova ideia, afinal a PARABOLOIDE é uma incubadora de ideia, e "nasceram" as propostas digitais, em formato de lives, pequenos filmes e exposição virtual (ainda não apresentada). As lives que ocorrem no canal do INSTAGRAM e no YOUTUBE, ambos com o mesmo nome do projeto, deram continuidade as comemorações. Estas escolhas permitiram aos convidados abordassem temas referentes a cidade, tais como as histórias das pessoas, e de sua criação e de "suas gentes", bem como da arquitetura, do patrimônio, da cultura, dentre outros temas importantes para a ressignificação e salvaguarda da memória, aos 60 anos de sua criação.

A palavra RESSIGNIFICAR, aliás, muito utilizada no projeto 60 Olhares Sobre Brasília, foi escolhida devido a sua força, como algo que permite compreender algo que se "muta e transmuta" constantemente, como é o caso das cidades. E sendo Brasília uma cidade única, representante do modernismo brasileiro, dona dos títulos de "Patrimônio Cultural da Humanidade", e de "Cidade Criativa do Design", ambos concedidos pela UNESCO, não seria diferente trazer para este ano uma ideia tão genial. A homenagem permitiu que inúmeros brasilienses (de coração ou não), candangos e "calangos", pudessem dizer o que pensam dessa cidade tão fantástica!

Tendo em mãos as 60 cartas, foi elaborado um texto único, enquanto era definido o processo de produção do "curta", que deu-se a partir da leitura desta "costura", gravado em locações importantes na memória dos escritores! Relata-se que a cada leitura, as emoções surgiram, e muito choro aconteceu! Segunda Angelina **"foram cartas lindas, belíssimas, algumas poucas com reclamações certas sobre a cidade e sua manutenção, e tantas outras com declarações de amor e carinho. Houve até uma carta falada, do arquiteto paulista radicado em Brasília, Carlos Café, que está sendo filmada para a exposição"**.

Para o documentário, sempre houve a intensão de contratar um grupo jovem, que pudesse compreender a visão proposta para transpor os filmes comerciais e governamentais, que visam apenas promover a cidade. A ideia foi trazer algo mais intimista, mais focado na realidade sobre o convívio por aqui, na capital modernista. Para tanto, foram contratados, como oferta de também parceria na criação, os jovens da INQUADRA filmes, que rodaram o filme até a chegada da pandemia, em março, quando foi decretado o lockdown, impedindo-os a prosseguir na captura dos cenários propostos. Mesmo com a limitação imposta pela COVID 19, a equipe conseguiu entregar um produto feito a muitas mãos competentes, com qualidade, e que trouxe a emoção das cartas costuradas num único texto.

Com as filmagens acontecendo, roteiro, locação e pessoas escolhidas a dedo para a leitura das cartas preparadas, era chegada a hora de escolher a música. Sim, houve música tema, porque afinal marcar a memória auditiva, além da visual, era fundamental para trazer a qualidade desejada para o documentário. Foi convidado o músico e compositor Jorge Nassar, para regravar uma música composta por ele, para Brasília, o que trouxe ao filme o toque ainda maior de intimismo, beleza e harmonia, e o também músico e compositor Oswaldo Amorim (1) para musicar o JAZZ que embalaria o projeto. Nassar também pode ser considerado um dos "donos" deste projeto, pois abraçou-o com carinho e sozinho contratou a nata dos músicos da cidade, referências também no exterior, criando a bela canção.

A música tema é intitulada "Soul Capital", uma composição de Jorge Nassar e interpretada por de Lyla Oliver, com uma voz doce e profunda, representando assim a voz da cidade de Brasília, como se estivesse a responder quem é! Ficou claro que a cidade, a todo tempo, foi tratada como pessoa íntima, amiga antiga, que pertence a todos nós.

Juntou-se ao time a grandeza de @k.jazz, e a música ganhou a produção de Oswaldo Amorim (@k.jazz), que também abrilhantou o som com o seu baixo, Misael Barros na bateria, Serge Frasankevicz no teclado, Rodrigo Bezerra na guitarra e Pablo Fagundes na gaita. Uma turma de peso nacional e internacional para trazer ao projeto a melhor música! O belíssimo resultado pode ser assistido no YOUTUBE, e no site paraboloides.com, onde encontram-se o documentário, e as entrevistas e lives com Nassar e com Amorim, dentre outros. A música e o arranjo são tocados na íntegra ao final do documentário, após a leitura da costura das cartas.

Numa tarde de domingo, o que é a cara de Brasília, juntos por mais de 20 horas, os músicos gravaram o tema do projeto. Deste dia, até o lançamento do documentário, a emoção dominou os envolvidos!



Gravação do tema de 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA
Fotografia: Angelina Quaglia

Para que o projeto se consolidasse, alguns patrocinadores foram essenciais, como foi o caso do CASAPARK, que acreditou no projeto quando apresentado, ofertando apoio e propaganda. Outras empresas como a PANIFICADORA VITÓRIA, nossa maior patrocinadora, não pensaram duas vezes em fomentar o patrimônio recente de Brasília, que tem sido catalogado pelo projeto. Também apoiaram o projeto a COEMI, a CasaSuprema, o escritório de advocacia Brasileiro de Oliveira consultores, a Diagnóstico Clínica de Imagens Médicas, a Casa das Artes (sempre parceira da PARABOLOIDE na figura do Sr. Feitosa), a Luana Decorações, e Marcelo Bilac, que não apenas nos apoiou, mas permitiu que sua obra, a cadeira boomerangue, estivesse no filme, e depois conosco como presente. Também houve colaboradores como o GDF como apoio em exposição, e uma série de colaboradores anônimos e com nome, que apoiaram financeiramente o projeto, homenageados no documentário!

Se houve problemas além da pandemia que impediu a exposição e lançamento do documentário no cinema? Sim, alguns problemas. Um dos patrocinadores, não citado neste texto, deixou de cumprir com o contrato e infelizmente não pudemos tirar sua logo do filme e das propagandas iniciais de radio e TV, e mídias sociais. Um outro patrocinador optou por cancelar o contrato ainda não assinado, por medo das incertezas da pandemia sobre seu negócio, o que foi compreensivo. Entretanto, afirmam as sócias, que nada destes fatores "estragaram a festa", pois conseguiram cumprir com os acordos, e mantiveram o projeto "no ar". E cabe lembrar que ainda para o final do ano espera a todos um livro.

Quando os entusiastas do projeto e patrocinadores perguntam sobre o mesmo, recebem de pronto a resposta sobre a solução definida: "a publicação será virtual, pois apostamos que o "novo normal", que aconteceu junto ao projeto, trouxe novas perspectivas mundiais e novo alcance para as leituras. Virtualmente temos trabalhado, nos reunido, e porque não lançar um livro. Não é mesmo?", disse Angelina Quaglia, completando, 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA continua como projeto trazendo lives e filmes curtos que garantem a continuidade das comemorações dos aniversários. Um bom exemplo foi a programação de julho, voltada para o conhecimento sobre o artista plástico Athos Bulcão e suas obras, e o mês de setembro que trouxe como homenagens a JK um vídeo que conta com sua música proferida (peixe vivo) e as belas imagens da cidade, que representa a sua coragem que ainda mora na alma e no coração da cidade!"

BRASÍLIA NUNCA SERÁ "MAIS DO MESMO"

Por Patrícia Lunes de Ávila e Silva

Talhada no interior do Planalto Central, onde apenas o mato, a inóspita poeira vermelha (1) e os animais silvestres sentiam-se à vontade em ambiente que lhes era próprio, Brasília surge nos seus primórdios como o cadinho inevitável de muitos desbravadores, palco de incessantes desafios e inúmeras contradições. Para a futura Capital de República, afluíram gentes de fé e de coragem oriundas de vários Estados, contribuindo cada qual com seu quinhão, para que fosse desbravado o interior do país em tempo exíguo, fato que gerou a incredulidade de muitos.

Mas a ousadia que marca a vinda de mulheres e homens em múltiplas funções (construção civil, alimentação, empreendedorismo, saúde) tornou-se também explícita entre aqueles que foram, de alguma forma, os artífices responsáveis pela estética modernista em grande escala e que tanto distingue a Cidade mundo afora. (2)

A sociabilidade inevitável e os conflitos já esperados de uma intensa e constante fricção entre diferentes mundos, notadamente no período anterior à inauguração, antes de 1960, nos deixaram interessantíssimas informações, cujas minúcias só podem ser conhecidas por meio da historiografia do cotidiano e dos depoimentos e registros orais daqueles que tiveram o privilégio de testemunhar esse momento da Capital, à época, ainda em fase embrionária.

Relatos inúmeros adornaram o montante do conhecimento já disponível. Uma dessas fontes preciosas, veio da família do arquiteto carioca Milton Ramos. Impactante ouvir-lhes as descrições pormenorizadas dos instantes de trabalho intenso e, por que não dizer, de relaxamento e de camaradagem. Foi assim que soube da sugestão do arquiteto em modificar o desenho original da icônica escada do prédio sede do Palácio do Itamaraty, inicialmente projetada em linhas retas (conforme croquis de Oscar Niemeyer), para se transformar na delicada escada de curvatura helicoidal, cuja beleza etérea e arrebatadora captura o olhar do visitante quase que de modo imediato. O detalhe que dá identidade às criações de uma alma sensível em clara simbiose com o pensamento de seus pares.

A análise da obra de Milton Ramos deixa transparecer sua acentuada verve modernista, sobretudo quando observamos alguns dos blocos das superquadras, o edifício do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, o Oratório do Soldado (sim, projeto de Milton Ramos), dentre outros; todos consoantes aos ditames do período. Exponho essas informações com a alegria e a satisfação íntima de ver feita uma justiça histórica.

É certo que o convívio intensificou as relações de amizade. Devo confessar que não tive outra ideia em mente, por ocasião da visita que fiz à Galeria Pinakothek (abril 2019), que não fosse a de incluir um terceiro membro honorário à talentosa dupla Alfredo Volpi e Bruno Giorgi (3). Afinal, de que outra forma teriam os três intercambiado aspirações, experiências e objetos de arte, muitos deles únicos e de fato especiais?

Contaram-me a viúva de Milton Ramos, uma educadíssima médica aposentada, e sua filha, também arquiteta, que certo dia Bruno Giorgi presenteara o amigo com uma escultura verdadeiramente singular feita de blocos de concreto unidos com cimento. Do material disponível no canteiro de obras o artista fez surgir uma forma orgânica, inusitada, belíssima. Artistas são assim: basta dar-lhes o mínimo e eis que o trabalho das mãos, a experiência e o talento criam coisas fantásticas!

Os relatos seguiram durante horas e foram dos mais surpreendentes. Um exemplar da conhecida série de Meteoros de Bruno Giorgi foi executado, desta vez, em material inimaginável, para dizer o mínimo. Um objeto minúsculo, feito da ponta de um giz e entregue ao amigo dentro de uma caixa de fósforos. Volpi, a seu turno, antecipou a pintura do painel "A profecia de Dom Bosco", um dos principais atrativos artísticos do Palácio do Itamaraty (1966), ao retratar, em tela, a mesma e exclusivíssima imagem e oferta-la à família de Milton Ramos.

Aqui estão apenas alguns pequenos depoimentos que recebi entre calores de café, de abraços e de sorrisos fraternos. Tudo transcorrido em um contexto muito particular vinculado ao soerguimento de Brasília, sob o recorte da história dos afetos e dos convívios.

E se o conhecimento artístico, no terreno da história, pode ser fragmentado em função das múltiplas narrativas podemos considerá-lo, portanto, relevante fato social. Tendo como base as ricas heranças culturais, inclusive daqueles que trouxeram ao Planalto Central lembranças e experiências caras dos lugares de onde vieram, imprescindível se torna mencionar os folguedos, as canções, a culinária e tantos outros ícones da cultura brasileira no escopo de estudos. São fontes relevantes para que abordagens sociológicas, antropológicas e políticas possam ocorrer de modo legítimo e mais completo, lamentavelmente, inviáveis no momento.

Deste modo, o campo das artes torna-se nosso propósito. Valiosas contribuições de artistas como a niteroiense Leda Watson, o mineiro Omar Franco, o baiano Toninho de Souza dentre tantos outros que usufruíram de reconhecimento ou ainda aqueles que permaneceram com suas artes nas esteiras do anonimato, todos, certamente têm histórias fantásticas a serem reveladas. Quem sabe, estimulados pelas celebrações dos 60 anos de Brasília, a inspiração e o espírito estoico dos primeiros tempos os instiguem a rememorar suas epopeias e a nos contar seus "causos" até então trancafiados nas memórias dormecidas sob os lençóis do tempo. Talvez sejamos suficientemente dignos para escutá-los.

Teríamos os espíritos inspirados por nossos pioneiros e seu líder, Juscelino Kubitschek. Acenderíamos uma fogueira, sentaríamos em caixotes de madeira, prepararíamos nossos drinks e permitiríamos que a cerimônia tivesse início. Sob o enorme céu destas bandas, as bravatas, as dores e os milagres dos seus personagens reais se tornariam nossa melhor e mais autêntica fonte de inspiração.

Com a palavra, Juscelino Kubitschek:

“Tudo isso fora feito no mesmo dia da chegada. Mais ou menos à meia-noite, os pioneiros, exaustos, resolveram tomar um uísque, antes de se recolherem para um descanso de umas poucas horas. Mas não havia gelo para refrescar a bebida ainda morna da longa exposição ao sol do Planalto. Mal encheram os copos, o céu enfarruscou e uma violenta tempestade de granizo desabou sobre o acampamento. ‘Milagre!’ ‘Milagre!’ – gritavam os construtores, recolhendo as pedras de gelo, maiores do que uma bola de gude, caídas das nuvens. E o uísque, gelado com granizo, correu de mão em mão, festejando aquele primeiro dia de trabalho.”(4)



Pintura de Alfredo Volpi
Fotografia: Edgard Cesar



Escada helicoidal - Salão de recepção do Itamaraty
Fotografia: Edgard Cesar



Fotografia: Patrícia Lunes de Ávila e Silva



Fotografia: Patrícia Lunes de Ávila e Silva

Notas:

(1) “E, por sobre aquele mundo de andaimes, pontificava um elemento que, como erva daninha, desgastava os nervos, intoxicava os pulmões, provocava inflamação nos olhos. Era a poeira – uma poeira como só existia em Brasília – vermelha e fina, de extraordinária capacidade de impregnação, sempre presente em tudo que se tocava.” (Juscelino Kubitschek, 50 anos em 5, meu caminho para Brasília, p.173)

(2) Apenas como exemplo, narrarei experiência muito pessoal, relativa ao período em que estive na Inglaterra (UK). Ombreando com uma boa quantidade de ingleses distintos que assistiam à determinada palestra no Nacional Gallery, um senhor, transbordando simpatia, aproximou-se e fez a pergunta clássica, meu local de nascimento. Por óbvio, as feições típicas de habitantes de países miscigenados (felizmente) costumam mesmo causar certa inquietude e boa dose de curiosidade em alguns países Europeus. A resposta surgiu rápida e quando já me preparava para uma exaustiva aula de geografia, afirmando que Brasília não era a capital de Argentina, recebi o comentário que deslizou rápido, como um raio entre dentes com o adorável e típico som gutural britânico: “Sim! Brasília! A capital modernista que foi planejada”. Talvez eu tenha sido abordada pela exceção das exceções, mas confesso que fiquei feliz.

(3) Exposição “Alfredo Volpi e Bruno Giorgi – Estética de uma amizade” ocorrida em São Paulo (2019), Galeria Pinakothek. Sob a criteriosa curadoria de Max Perlingeiro e Pedro Mastrobuono.

(4) Juscelino Kubitschek, op. cit, p. 87.

Bibliografia

Cascudo, Luís da Câmara. Antologia do folclore brasileiro, 5ª ed., São Paulo, Global, 2001.

Ferreira Nunes, Brasilmar (org.). Brasília: A construção do cotidiano. Brasília, Ed. Paralelo 15, 1997.

Kubitschek, Juscelino. 50 anos em 5, meu caminho para Brasília, volume III, Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1978.

Lima, Carlos Henrique de. Milton Ramos, Brasília, IAB, 2011. Publicação produzida a partir da dissertação de mestrado Modernidades brasileiras: a obra de Milton Ramos, defendida pelo autor em dezembro de 2008 pelo programa de pós-graduação de Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UNB.

CIDADES (IN)VISÍVEIS BRASÍLIA

Por João Diniz



Fotografia: João Diniz

VISIBLE CITIES é um método de leitura de cidades proposto pelo arquiteto João Diniz que se dá através da fotografia autoral e do texto poético e que consiste em traçar, a partir de uma vivência pessoal de determinada cidade ou espaço delimitado, um roteiro foto-poético que leve em conta aspectos ambientais, sociais, arquitetônicos, urbanísticos ou gráficos do local abordado.

O método surge em diálogo com o livro 'Cidades Visíveis' de Ítalo Calvino onde o viajante veneziano Marco Polo descreve a Kublai Khan as cidades conquistadas, e para ele desconhecidas, de seu vasto império. Kublai desconfiando das narrativas fantásticas de Polo pergunta a ele se essas imagens são verdadeiras ou não, e ele responde: "De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas".


No método 'Visible Cities' trabalhamos com cidades reais, onde estivemos retirando delas algum tipo de resposta, ou de dúvidas. O material gerado nessa vivência pode fazer gerar exposição, publicação editorial, oficina participativa, filme ou performance multimídia. Esses tipos de produtos têm sido produzidos por João Diniz e podem ser conhecidos nos links que seguem, ao final da matéria.

A história é muito jovem
e sempre pode ser escrita no vazio do céu
entre passos e voos e luzes e sombras
no apelo popular ou na solene rampa
da utopia americana e suas proibições e tolerâncias

A noite é breve como a sombra
e reza a lenda que a vitalidade nativa prevalece
na nação que não quer o futuro tão distante
mas no andar coletivo uma esperança de bodas
ascendente e ágil como um breve desejo

Por entre o túnel de trevas estão dias de medo
que podem voltar na falta de atenção e coragem
de encarar a luminosa abóboda da fé
e da atitude ativa, confiante e rebelde
além dos monumentos na informalidade popular

Que não fiquem distantes as direções coletivas
que curta seja a ponte para alcançar a dignidade
da sobrevivência plena do país em festa crítica
celebrando a cidade amiga, a natureza mãe
e o trabalho gentil dos braços e do tempo



Um plano foi traçado
mas as metas são várias além do sonho e da forma
rumos haverão de mudar e de serem corrigidos
nos tropeços da ganância e da mentira
com o mesmo senso de juventude e risco



Fotografia: João Diniz



Fotografia: João Diniz



Fotografia: João Diniz

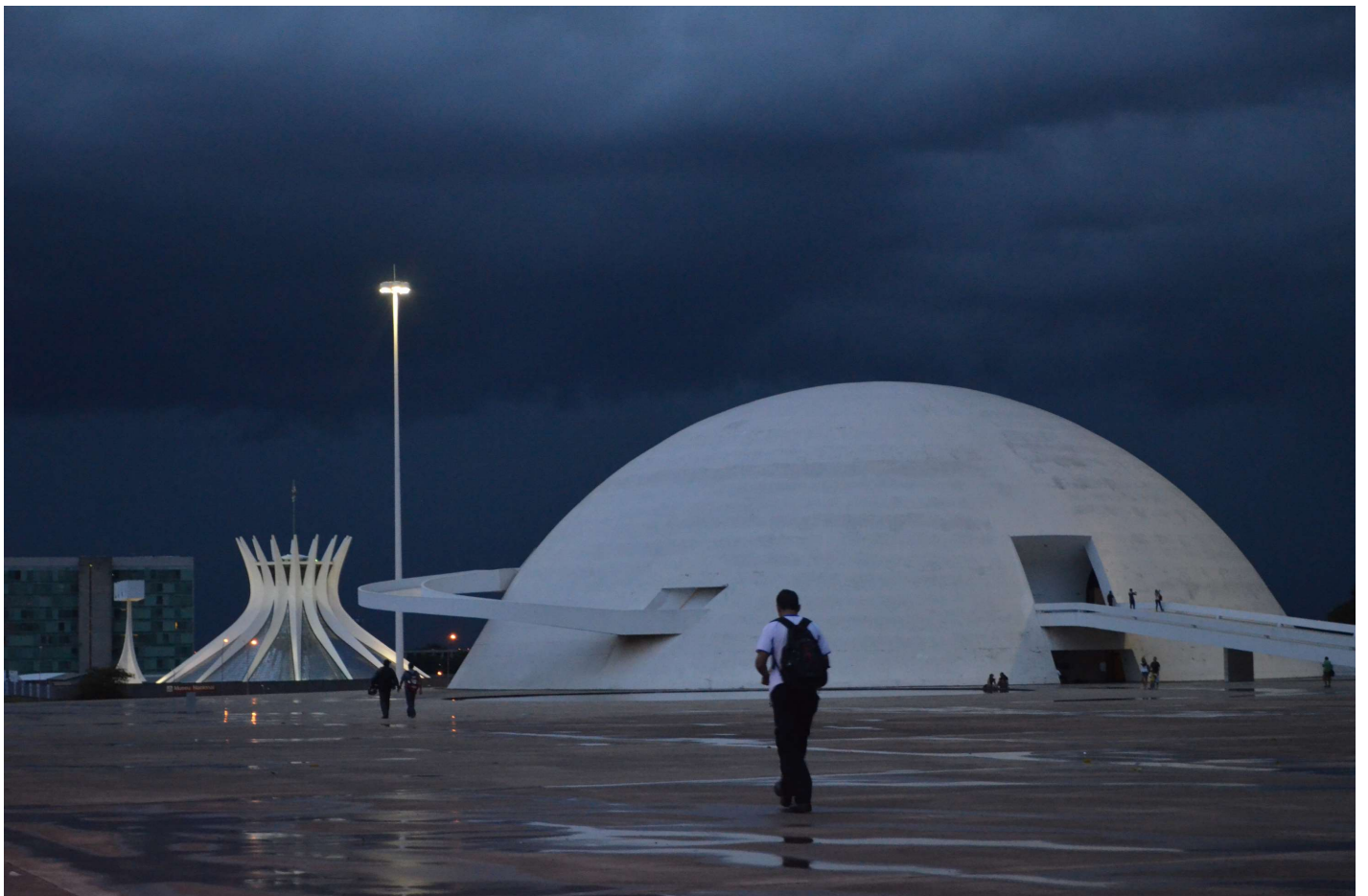


Fotografia: João Diniz

Fotografia: João Diniz



Fotografia: João Diniz



Fotografia: João Diniz



Fotografia: João Diniz

Link para
João Diniz



Bibliografia

Livro 'Visible Cities' apresentando 14 cidades de 3 continentes, incluindo essa visão de Brasília aqui apresentada:

<https://br.blurb.com/books/4425225-visible-cities>

Performance de Joao Diniz com Daniella Zupo por ocasião do lançamento do livro 'Visible Cities' no Memorial Minas-Vale em Belo Horizonte:

<https://www.youtube.com/watch?v=1mJEBS1SmkU>

Filme PARISk sobre a capital francesa:

https://www.youtube.com/watch?list=PLC825F702AAA9C233&v=jt5vJfM_2bA

Filme ASTROLÁBIO sobre Salvador, Bahia:

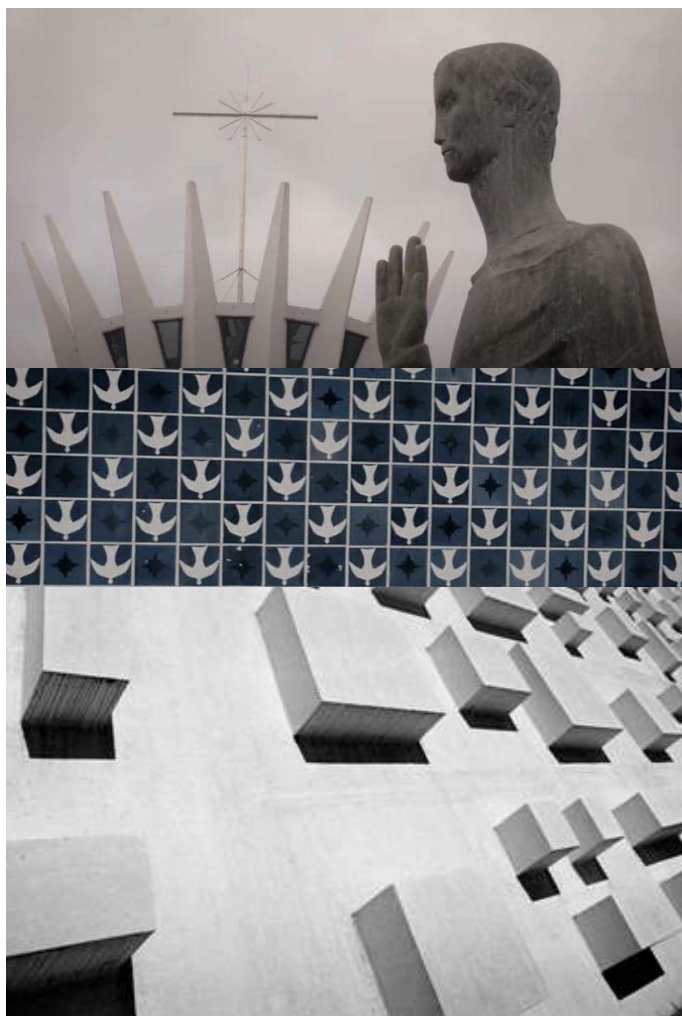
<https://www.youtube.com/watch?v=vWpJYKrOqYM>

BRASÍLIA O PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE

Por Frederico Flósculo

O PROBLEMA DA PRESERVAÇÃO DO CONJUNTO URBANÍSTICO DE BRASÍLIA: DA UTOPIA À ENTROPIA

Preservar o Conjunto Urbanístico de Brasília é uma luta de cabo-de-guerra entre a Utopia e a Entropia. Do lado da Utopia, a própria concepção da cidade, evidentemente. O Plano de Lucio Costa, na versão em que foi efetivamente realizado (pois o que foi realizado é diferente do que foi aceito pela comissão julgadora do Concurso Público Nacional para o Plano Piloto da Nova Capital do Brasil, em 1956), assim como as diversas etapas de consolidação tanto desse “Plano Piloto” quanto de suas importantes frações – até hoje denominadas erroneamente “Cidades Satélites”.



Imagens: 60olharessobrebrasília

Do lado da Entropia, o encadeamento de decisões ora convergentes, ora erráticas, ora fiéis ao projeto original, ora francamente “experimentais” (como a “correção” do projeto de urbanismo das quadras 700 e 900 Norte, que não faziam parte do projeto original, mas que foram acrescentadas de forma a gerar uma nova sequência de improvisos e ajustes precários). Essa correção fez com que uma série de assimetrias entre a Asa Norte e a Asa Sul (mais próxima do original) se consolidassem, enfraquecendo uma característica essencial de um verdadeiro Conjunto Urbanístico: sua coerência e integridade.

A Entropia continua, através das novas intervenções e ajustes, boa parte necessários, como o Metrô, a proposta do VLT, a expansão de Setores para a Administração Pública Federal, etc. Mas são Entropia, intervenções que cada vez mais aproximam a Utopia da configuração mais complexa e desarticulada que não vemos em cidades tradicionais, mas que não têm a beleza e a elegância da Proposta Original de Lucio Costa. Cada vez mais criamos uma Teratologia, uma solução urbana de compromisso, que progride ao sabor das pressões imobiliárias e corporativas, de interesses mercantis e de grupos de poder local (ou localizados em suas pretensões de ocupação do espaço do Plano Piloto).

O que há a preservar da Utopia? Cada vez menos. O que há a lamentar na Entropia? A feiúra, o congestionamento, a cidade inflamada e inflada, a insalubridade, a bagunça como política urbana.

Deveríamos ter desconfiado da dificuldade de preservação desse Plano Piloto desde o começo, desde a fatídica década de 1960. Nunca deveria haver um Plano Piloto, como um lugar. Plano Piloto não é um lugar, Plano Piloto é um plano, um recurso de planejamento, um estágio de concepção. Devemos nos perguntar por que, diabos, um Plano Piloto virou O Plano Piloto, o lugar especialmente projetado por Lucio Costa. Parece realmente difícil compreender: até hoje, muita gente denomina como “Brasília” essa região também conhecida como Plano Piloto. E Chamá-la de Plano Piloto de Brasília não melhora em nada a confusão.

O que quero dizer com isso? A proposta piloto de Lucio Costa não foi um Plano Urbano orientador, não envolveu considerações suficientes sobre como a cidade se organizaria. Que cidade? Toda a cidade. Toda a cidade: especialmente essas frações dispersas falsamente chamadas de Cidades Satélites. A ruptura entre o Plano Piloto e a Periferia é original e fatal para ambos, para o conjunto urbano, para qualquer pretensão de um urbanismo de alto nível.

A mesma lógica e técnica de urbanismo aplicada na solução da área central deveria ser a lógica e técnica de urbanismo de toda e qualquer setor urbano periférico. Na verdade, toda a ocupação territorial deve ser regida pela mesma lógica e técnica - sem que a gradação social, uma imensa diversidade de padrões de Arquitetura e Urbanismo de excelente qualidade, sem que o grande experimento urbano, fosse sustado, colapsado, por grileiros e governos deseducados - como ocorre, sobretudo, a partir da conquista da Autonomia Política do Distrito Federal, por outorga da Constituição Federal de 1988.

Claro, a vitória da Entropia não poderia ser facilmente evitada. A Segunda Lei da Termodinâmica(!) preconiza que, para um sistema físico manter um elevado padrão de ordem e organização, deve-se nele investir, continuamente, energia - de forma ordenada e organizada - por todo o sempre. Quanto mais ordenado for seu Estado Inicial mais qualificado o esforço de manutenção da ordem, mais energia exigirá, mais informação e inteligência serão necessárias.

No mundo real, no mundo das polis, no mundo urbano, isso significa esforço governamental unificado, de alto nível, com uma consistência de Primeiro Mundo, gestão governamental após gestão governamental. Um nível de exigência adulto, nada ao alcance de amadores, de populistas, de incompetentes improvisadores deseducados. Também deve ficar claro que a Entropia não tem uma pontual vitória, mas sim uma extensa inexorabilidade: se estende por toda a existência do sistema inicialmente ordenado a que se aplica. Até sua morte.

Parece ser bem difícil assegurar a injeção de Ordem e Organização na forma urbana de qualquer cidade do mundo, mas foi essa a intenção do governador José Aparecido de Oliveira (gestão 1985-1988), quando, em magnífico esforço técnico, político e diplomático, conseguiu que a UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) reconhecesse a grande estrutura urbana gerada pelo traço original de Lucio Costa como Patrimônio Cultural da Humanidade. Esse extraordinário reconhecimento mundial ocorreu em 7 de dezembro de 1987.

Nessa mesma data deveríamos ter, concomitantemente, o Primeiro Plano de Preservação do Conjunto Urbanístico de Brasília, o “PPCUB I”.

De que adianta ter um título de imensa importância como o de Patrimônio Cultural da Humanidade e não entender que (a) tanto a constatação do avanço da Entropia (em plena operação no desordenamento urbano gerado por todo tipo de intervenção violadora dos padrões de organização da Capital) fora a causa principal do esforço político e diplomático junto à UNESCO, quanto (b) não entender que seria impossível preservar sem o planejamento e a execução de poderosas e definidas ações de Preservação, literalmente?

A bem da verdade, um esforço complementar do próprio governo de José Aparecido de Oliveira foi feito: foi elaborada proposta de Lei que visava definir uma política de preservação a partir do fantástico marco da UNESCO. Num trabalho feito por notável comissão de governo, iniciado em 1988 (Aparecido) e concluído em 1990 (Roriz), uma excelente proposição que poderia ter sido o ancestral de todos os PPCUBs necessários por todas essas décadas. Vejam só:

- Criava um Instituto de Patrimônio Cultural;- Criava um Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural;
- Criava um Fundo do Patrimônio Cultural do Distrito Federal;
- Criava “diretrizes específicas de preservação para subáreas distintas do conjunto urbano e paisagístico do Plano Piloto de Brasília, respeitadas as suas características peculiares”.Por quê essa Maravilha Preservadora não deu certo?

Antes de mais nada, pelo uso intempestivo do tempo, pelos azares e contradições daquela conjuntura política. Ninguém sabia, mas o próprio José Aparecido de Oliveira sabotaria o seu próprio governo, e criaria - contra si e suas ações - o pior clima político já visto na história da cidade. Ao ponto de seu governo ser encerrado a pedido do próprio Presidente da República (o inesquecível José Sarney) em 19 de setembro de 1988. Ressalto a política do “Retorno com Dignidade”, uma política de higienismo social radical, que buscou erradicar o que à época se chamava de Invasores (do território do DF).

Empolgado com o título que conquistou para a cidade, de Patrimônio Cultural da Humanidade, Aparecido efetivou uma política de indigna erradicação de pessoas que acampavam em diversos locais do território do DF, em busca de oportunidade de moradia, trabalho e renda. Diz a lenda que... uma equipe do governo recolhia as pessoas em suas tendas de plástico, em suas moradias precaríssimas e as levava em tenebrosos ônibus para Estados distantes da Federação.

A incapacidade de gerar políticas públicas de moradia, trabalho e renda, associada à franca expulsão de população miserável, entre outras falhas de conduta, granjearam a esse Governador a pior avaliação possível - apesar de sua grande realização patrimonial, cultural, diplomática. Foi repudiado pela mídia, pelos profissionais de Arquitetura e Urbanismo, pelo amplo espectro de atores políticos que lutavam pela Autonomia do DF. Sarney, sensível ao apelo popular e da intelectualidade local, convidou-o a (voltar a) ser Ministro da Cultura (1988-1990) e posteriormente Embaixador do Brasil em Portugal. Aparecido some da história de Brasília e surge, em seu lugar, um político amigo de Sarney, vizinho de cerca latifundiária e Luzianiense, Joaquim Domingos Roriz.

Nesse ponto, a possibilidade de construir-se uma inovadora e necessária política de preservação e de desenvolvimento urbano do DF com base nessa fabulosa conquista do status de Patrimônio Cultural da Humanidade, caiu num impressionante vazio. Esse título passou a ser tratado como uma mera curiosidade, uma espécie de Prêmio da Unesco. Na verdade, é uma elevada referência para políticas urbanas de excelência. Mas, a partir de Roriz, o que interessava era a nova realidade política da Autonomia: pragmática, local, populista, de baixíssimo nível de exigência quanto à organização urbana.

A Entropia inicia o cerco final à Utopia, com a Autonomia Política do DF.

Desse ponto poderíamos partir para outras considerações sobre políticas urbanas e desordenamento territorial, mas me interessa ressaltar que o “Primeiro PPCUB”, que deveria ter sido construído em 1988, foi natimorto, abortado, neutralizado. Roriz, aberto a novas perspectivas de ordem territorial, digamos, “idiossincráticas” e sob seu absoluto controle, mudaria para sempre o futuro do quadrado e do CUB (Conjunto Urbanístico de Brasília).

Com a frustração desse esforço já no primeiro governo Roriz (biônico, 1988–1990), o PPCUB seria erraticamente retomado – porque necessário, mas sempre relativizado – na Lei Orgânica do DF (1993), no Primeiro PDOT, de 1993 (de Roriz, gestão eleita de 1990–1994), no Segundo PDOT, de 1997 (de Cristovam, gestão decepcionante de 1994–1998), e no Terceiro PDOT, o de “Pandora”, finalmente aprovado em 2012, no governo de Agnelo Queiróz, finalizando uma cadeia de impasses – que levou à cadeia penal pelo menos um governador do DF, José Roberto Arruda, por crimes de corrupção, a partir de 2010.

A preservação urbanística de Brasília é elevada à categoria de escândalo político e ético, e é aproximadamente onde estamos, até hoje. A Entropia tem comandado o espetáculo, na ausência de verdadeiros planejadores e ordenadores. Observo que tenho participado de Audiências Públicas relacionadas ao PPCUB desde a década de 1990. Em 2010, fui processado criminalmente por uma urbanista do governo Arruda, que exigiu de mim 150.000 reais (em 2010), por eu ter afirmado que... o GDF não parava de gerar “lixo urbanístico” enquanto dizia elaborar o Primeiro PPCUB. Uma urbanista à moda de Luis XIV: “L’Etat C’est Moi, eu sou o Estado, não admito ser confundida com o Lixo Urbanístico”, ou coisa assim.

Provei minha tese, venci o perigoso processo criminal (2016), derrotei a loucura empoderada da famosa urbanista local, mas... a abordagem da Entropia em nada mudou. As políticas urbanas continuam, com Ibaneis Rocha, no mesmo Padrão Roriz de Qualidade: pragmáticas, locais, oportunistas, imediatistas, desarticuladas, de baixo nível intelectual e urbanístico. Brasília, afinal, é uma galinha dos Ovos de Ouro.

Notas sobre o autor:

O prof. Dr. Frederico Flósculo é professor do Departamento de Projeto, Expressão e Representação em Arquitetura e Urbanismo – FAUUnB, e autor de livros como o Metodologia da Projetação Arquitetônica Evidências Gráficas, Prospero & Lucio a Tempestade em Brasília, Thalija–aventuras brasilienses em busca da cidade oculta, dentre outros.

NOSSA SENHORA APARECIDA ROGA POR NÓS

Por Luciana Azevedo e Jézer Junior

Falar de Nossa Senhora Aparecida, cuja festa se comemora no dia 12 de outubro, é falar de uma mãe cujo maior empenho é fazer com que todos os homens amem Deus. Mas como ninguém ama quem não conhece, pode ser que o sentimento nutrido por alguém, e até mesmo por Nossa Senhora, não seja o de amor, mas o de afeição, simpatia ou admiração, caso não se conheça bem aquele que é o destinatário do amor.

As Sagradas Escrituras, estruturadas em forma de Livro único, são o meio mais fácil de se encontrar Deus e conhecê-Lo para poder amá-Lo. Elas nos mostram todo o poder de Deus e de Sua palavra: “Porque a palavra de Deus é viva, eficaz, mais penetrante que uma espada de dois gumes, e penetra até a divisão da alma e do corpo, e das juntas e medulas e discerne os sentimentos e pensamentos do coração. Nenhuma criatura Lhe é invisível. Tudo é nu e descoberto aos olhos daquele a quem haveremos de prestar conta” (Hb 4,12-13). Em seu primeiro livro, o Gênesis, lê-se que “No princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gn 1,1) e tudo o mais que existe, tendo o homem sido criado, à imagem e à semelhança da Santíssima Trindade, no sexto dia da criação. Contudo, uma criatura em especial já existia no coração de Deus antes da criação narrada no Gênesis (cf. Eclo 24,5), isto é, antes mesmo dos anjos e do universo, e ela já tinha nome: Maria!

Por ser Onisciente, Deus sabe tudo o que aconteceria desde o primeiro “faça-se” até o “basta” final na existência da criação e, por isso, por amor aos homens, feitos à Sua imagem e semelhança, determinou, em toda a Sua Onipotência e Sabedoria, que chegaria a plenitude dos tempos onde a Segunda Pessoa da Trindade Santa, o Verbo eterno de Deus, se faria homem, nascido de uma mulher, mulher essa que Ele mesmo criou com toda a Sua predileção, aguardando ansiosamente, num anseio divino, o momento de ser acolhido no ventre daquela que Lhe é aprazível e cheia das delícias do espírito.

A grande Mãe de Deus, Maria Santíssima, é, portanto, a mais excelsa criatura do universo, tendo o Senhor decretado que todas as graças que quer dispensar aos homens passem pelas mãos de Maria, assim como por meio dela veio o Bem mais precioso, o próprio Deus Filho. Tão bela e abençoada ela é que Deus não a reservou apenas para Si, mas decidiu compartilhá-la com a humanidade pecadora, deixando-a

como mãe, advogada, auxiliadora, intercessora, medianeira e protetora entre os homens e Seu Filho Jesus Cristo, enquanto Ele (Cristo) é o mediador e o advogado entre os homens e o Pai, conforme os Evangelhos.

Como mãe zelosa, Maria não abandona seus filhos em seus combates contra as tentações sugeridas pelos espíritos malignos e contra a própria natureza decaída do homem, mas vem em seu auxílio oferecendo sua assistência maternal por meio dos dons e privilégios com que o Pai adornou a sua alma, lembrando, por meio das aparições (neste caso as reconhecidas pela Santa Igreja), que temos no céu não apenas um Pai, mas também uma mãe, que não dorme nunca, mas mantém diuturna vigilância sobre a vida daqueles que a acolhem como mãe.

Em cada local onde houve a manifestação dessa amável mãe, passou ela a ser reconhecida com o título do lugar, a exemplo de Fátima/Portugal, Garabandal/Espanha, Guadalupe/México, La Salette/França, Zeitoun/Egito entre outros, até chegarmos a Aparecida/Brasil. O título de Aparecida foi dado a uma pequena imagem de terracota de Nossa Senhora da Imaculada Conceição que foi recolhida em 1717, em duas partes – primeiro o corpo, depois a cabeça –, na rede dos pescadores no Rio Paraíba do Sul, na cidade de Guaratinguetá/SP, que rezaram para a Virgem Maria ajudá-los na pesca, pois os peixes do rio haviam, intrigantemente, desaparecido. Após a retirada da imagem do rio, aconteceu o primeiro milagre: as águas fervilhavam de peixes. A partir de então, deu-se o título de Aparecida àquela imagem por ter ela aparecido na rede dos pescadores.

Com o tempo, ocorreram tantas pessoas em romaria, para ver a imagem milagrosa, que foi construída uma igreja no alto do Morro dos Coqueiros para comportar tamanha devoção, formando-se, ao seu redor, uma vila que, em 1928, emancipou-se politicamente de Guaratinguetá e se tornou um município, chamado Aparecida, que se tornaria, mais tarde, a cidade de Aparecida. Por decreto do papa Pio XI, em 16 de julho de 1930, Nossa Senhora da Conceição Aparecida foi proclamada Rainha do Brasil e sua padroeira principal, haja vista que São Pedro de Alcântara, frade espanhol cuja vida foi marcada por uma intensa experiência de oração, humildade, penitência e caridade, havia sido, em 1826, proclamado padroeiro do Brasil, a pedido de Dom Pedro I, cujos pais eram devotos desse santo. A proclamação oficial de padroeira do Brasil se deu no Rio de Janeiro, então capital federal, em 31 de maio de 1931.

Notícias de jornais da época relatam que a imensa multidão presente repetiu com entusiasmo as palavras da consagração da nação e do povo a Nossa Senhora, proferidas por Dom Sebastião Leme: “Senhora Aparecida, o Brasil é vosso! Rainha do Brasil, abençoai a nossa gente. Paz ao nosso povo! Salvação para a nossa Pátria! Senhora Aparecida, o Brasil vos ama! O Brasil, em vós confia! Senhora Aparecida, o Brasil vos aclama: Salve, Rainha!”

O padre redentorista Valentim von Riedl, deslumbrado com a devoção à Virgem Maria sob o título de Nossa Senhora Aparecida, escreveu:

“Nossa Senhora domina verdadeiramente, como Senhora, toda a região. Sua influência, porém, não se limita à região, pois seus devotos vêm de toda a parte do Brasil: do Norte, Sul, Leste e Oeste, alguns viajando meses inteiros, não achando longa demais a caminhada para poderem homenagear a Senhora, agradecer-lhe e pedir graças. No amor à Mãe de Deus, o povo brasileiro está ainda à procura de outro que o iguale. – Não é sem razão que Nossa Senhora é tão amada e invocada; esse amor e essa devoção foram a proteção contra a infidelidade e se tornaram o filão de ouro da sua perseverança na fé católica”.

O dia 12 de outubro foi oficialmente declarado feriado dedicado a Nossa Senhora da Imaculada Conceição Aparecida por meio da Lei nº 6.802 de 30 de junho de 1980, que também a reconhece oficialmente como padroeira do Brasil. E por que o dia 12? De acordo com historiadores, a escolha da data não foi algo aleatório, mas sim uma decisão simbólica por diversos fatos: A festa de São Pedro de Alcântara era celebrada no dia 12 de outubro, passando depois para o dia 19. Foi em 12 de outubro de 1492 que Cristóvão Colombo aportou no continente americano, e foi em 12 de outubro de 1822 que Dom Pedro I acabou aclamado imperador do Brasil. Aliás, Dom Pedro I, que tinha entre seus numerosos sobrenomes também o de Alcântara, em homenagem ao santo espanhol, nasceu em 12 de outubro de 1798.

Diferentemente de outras aparições de Nossa Senhora, não houve, no caso de Aparecida, nenhuma aparição ou mensagem escrita ou verbal deixada pela Virgem Maria, mas a própria imagem transmite as seguintes mensagens: A imagem apresenta Nossa Senhora grávida, o que é representado pela fita na cintura, semelhante ao que se vê na imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, demonstrando que ela nos traz seu Filho Jesus, nosso Redentor, e nos mostra o valor da vida, sem exceção; As mãos da imagem estão postas em oração, destacando a importância da comunicação com Deus por meio da oração e de se colocar inteiramente a serviço dEle;

A pequena e discreta imagem, sem nenhuma beleza extraordinária, demonstra a sua humildade de forma a deixar que Deus seja admirado e adorado pelos milagres; Seus cabelos longos e soltos fazem menção à virgindade e à pureza, virtudes que agradam a Deus; Sua cor enegrecida demonstra que não deve haver preconceito de nenhuma espécie entre os homens; Observa-se na face da imagem um leve sorriso, como que a dizer que a verdadeira felicidade só pode ser encontrada em Deus; Sob seus pés está a lua, indicando ser ela a mulher do Apocalipse; Possui, em sua cabeça, três rosas, o que reporta à realeza da Santíssima Trindade, para Quem se devem voltar todos os nossos pensamentos.

Nossa Senhora da Conceição Aparecida tornou-se, também, padroeira de Brasília e, conseqüentemente, da Catedral, que conta em seu interior com uma réplica da imagem original que se encontra no Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida em São Paulo. Brasília é, em tudo, diferente das demais capitais do país, exceto na sua devoção mariana, comum ao povo católico brasileiro que tem em Nossa Senhora a sua santinha e Rainha, pois é mãe do Rei.

Aliás, o título de rainha lhe foi dado pela princesa Isabel após ter visitado a Basílica Velha em 1868, juntamente com seu esposo, o Conde d'Eu, fazendo um pedido à intercessão de Nossa Senhora Aparecida, de quem era devota. Cumprindo uma piedosa promessa a Nossa Senhora, pela primeira gravidez, doou uma coroa de ouro que foi usada na coroação da imagem de Nossa Senhora Aparecida em fevereiro de 1904, após autorização do Papa Pio X. Também foi doado pela princesa Isabel o riquíssimo manto azul-marinho, simbolizando o céu estrelado brasileiro, enfeitado com 21 brilhantes, representando as 20 províncias do império e a capital à época. Quando a família imperial foi obrigada a deixar o Brasil, depois da República, tornou-se muito simbólica então a doação da coroa, pela princesa Isabel, herdeira do trono e da coroa imperial - que nunca usaria uma - para a 'rainha do Brasil'. É como se ela, de certa forma, transferisse sua coroa para que Nossa Senhora reinasse sobre o Brasil.

O importante, contudo, é que Cristo reine em nossos corações, e Sua Mãe Santíssima tem convidado cada homem e cada mulher a voltar-se para Deus por meio da oração, da prática das virtudes, da caridade cristã, do arrependimento sincero e da confissão dos pecados, da vivência dos sacramentos e da entrega de cada um a Deus, pois ser cristão significa ser um outro Cristo, tendo um amor profundo pela mesma Mãe, repetindo como São Bernardo:

“Ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria”, rogai por nós, Santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

Amém!

Nossa Senhora da Conceição Aparecida, rogai por nós que recorremos a vós!



Imagem de Nossa Senhora Aparecida durante missa na Catedral de Brasília
Foto: Toninho Tavares/Agência Brasília

NOVAS ARTES EM BRASÍLIA REPRESENTO BRASÍLIA - FERNANDO RABUJA

POR MALU PERLINGEIRO

Nasceu em 26 de fevereiro de 1976, no Hospital Santa Helena localizado "no final da Asa Norte", o artista plástico Fernando Rabuja.

O brasileiro busca em suas pinturas "procurar diferentes composições combinando o céu de Brasília, seus espaços amplos e sua arquitetura moderna (...) me instiga a pintar a capital, sempre com o olhar voltado a novos arranjos e composições."

Qual sua formação profissional além de ser artista visual? Em que trabalhava antes de se dedicar à arte?

"Fiz faculdade de marketing e criação publicitária, mas não exerci essa profissão. (...) assim que conclui o curso montei o meu primeiro estúdio de tatuagem.

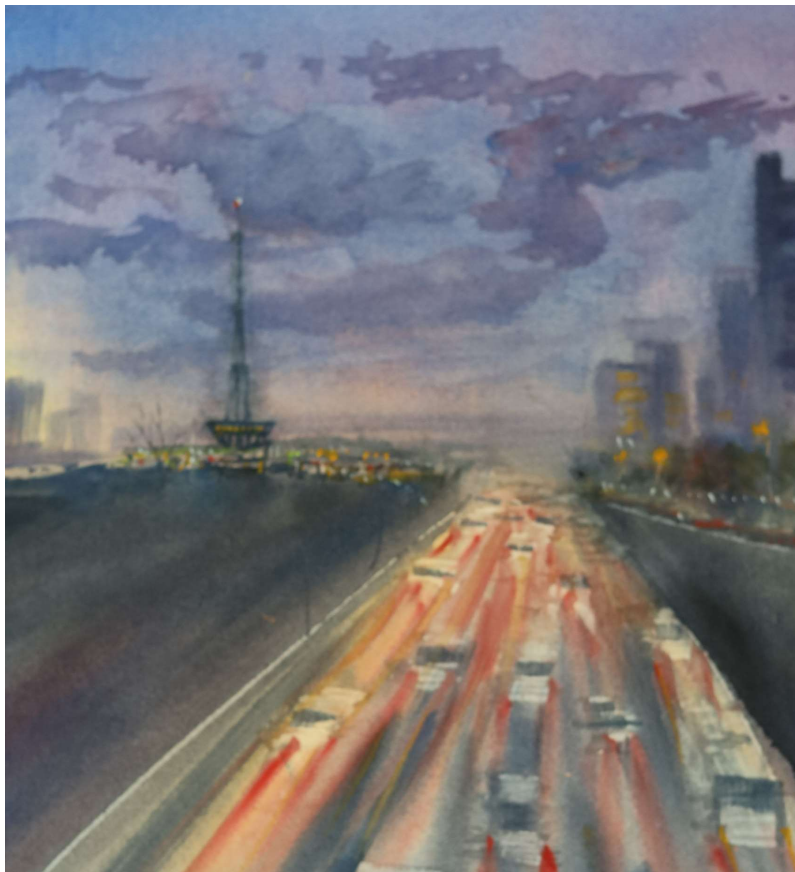


Foto: Obra de Fernando Rabuja

Quando começou a se interessar por desenvolver sua arte? Há quanto tempo a exerce e a aprimora?

Comecei a me interessar por desenho ainda criança. Lembro que quando tinha 6 ou 7 anos participei de um concurso de desenhos promovido pelo tradicional "Programa do Cacareco"(1), em um quadro de artes com a apresentadora Carranquinha. Meu desenho foi classificado em 2º lugar, ganhei um estojo de lápis de cor e fui convidado a participar do programa diretamente dos estúdios gravação, que funcionavam na Torre de TV. Desde então, a arte esteve presente em minha vida. Na adolescência comecei a me interessar por HQ (quadrinhos) e durante o ensino médio produzia ilustrações para o jornalzinho do colégio (nesta época estudava no Colégio Asa Norte - CAN, atual Paulo Freire, na L2 Norte). Logo depois vieram as tatuagens e em seguida as aquarelas. Estas também surgiram a partir de Salões de Arte, que me estimularam a estudar a técnica.

O primeiro Salão de Artes que participei foi o "6º Pinte Brasília", promovido pela Casa das Artes, em homenagem ao 50º Aniversário da Cidade. Para aquele evento preparei uma obra em aquarela intitulada "Entrequadras".

1 Tradicional programa de televisão em Brasília, nos anos 80. Apresentado pelo palhaço Cacareco e a "palhacinha" Carranquinha.

Fale sobre a sua formação como artista visual? Você é um artista autodidata, fez cursos livres de arte, ou workshops?

Sempre fui autodidata. Gosto de fazer estudos, pesquisas, experimento de técnicas e métodos. Fiz cursos curtos, pontuais. Em 2009, após participar de um curso de curta duração realizado pelo Espaço Cultural Renato Russo, aqui em Brasília/DF, comecei a me dedicar às aquarelas. Nos últimos anos, participei de workshops promovidos pela escola Talento 28, que traz para Brasília/DF grandes mestres da aquarela nacionais, como Eudes Corrêa, Stephanie Boechat e Renato Palmuti e internacionais, como Javier Zorrilla, Idoia Lasagabaster e Pito Campos.

Você apresenta alguma temática preferida em suas obras, e o que o inspira a criar?

"Nas aquarelas, gosto de pintar paisagens, especialmente a nossa capital, Brasília" (...) seus espaços amplos e sua arquitetura moderna. Gosto muito de pintura ao ar livre (plein air), saio pela cidade de bicicleta ou moto, com um kit de pintura portátil, para descobrir ângulos inusitados dos monumentos da Capital.

O artista participou de salões e exposições, sendo estes:

2018 - 40ª Edição do Salão Riachuelo, promovido pela Marinha do Brasil onde a obra "Ondas Frias" foi classificada em 1º lugar, na categoria Marinhas,

2019 - "Arte em Papel", - Hotel Grand Mercury Brasília,

2019 - III Salão de Arte late

2019 - Salão "Flavita Obino Boeckel", ocorrido na LBV,

2019 - "XI Encontro Internacional de Aquarelistas de Paraty/RJ", com as obras "Barcos e Canoas" e "Marina de Brasília", esta última destacada pelos organizadores para ilustrar a capa do catálogo do evento.

2019 - "Aquarelando", entre maio e junho de 2019, no Teatro SESC Garagem, em Brasília/DF.

2019 - "Apetitá Bistrô, na Asa Sul - Circuito Bsb"

2020 - "Brasília: 60 anos de Céu e Luz!", no Espaço Cultural do Superior Tribunal de Justiça



Foto: Obra de Fernando Rabuja



Imagem: cedida por Fernando Rabuja



Imagem: cedidade por Fernando Rabuja



Imagem: cedidade por Fernando Rabuja

"CANDANGO NA FOTO" EM BRASÍLIA

Nilton Gonçalves

Por Angelina Quaglia

Nilton Gonçalves sempre gostou de "rabiscar uma coisa ou outra, e de prestar bastante atenção às letras, às formas e às cores de embalagens". O artista conta que sempre foi muito natural para ele representar as coisas ao seu redor, usando o desenho.

"Um dos meus irmãos desenhava bem, talvez eu o tenha copiado. Não sei. Posso dizer que essa é minha linguagem.

Comecei com dinossauros deitado no chão, então vieram as letras nas capas de trabalhos escolares, depois passei a reproduzir personagens da TV. Na escola, eu era repreendido várias vezes por ficar desenhando durante as aulas. Essas minhas inclinações, mais tarde, tornaram fácil a escolha por Design."

Muito inteligente, aos 18 anos, foi aprovado no concurso do Ministério Público da União, onde permanece ainda hoje como responsável pela unidade de Design Gráfico do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios, que também está completando 60 anos em 2020.

Antes de assumir seu cargo no Ministério, cursou Desenho Industrial na UnB, porém, não conseguindo conciliar o trabalho e a faculdade, deixou alguns semestres depois. Como ele afirmou, "saí do Design, mas ele não saiu de mim". Milton acabou por formar-se na primeira turma do curso de Design Gráfico de uma renomada universidade particular em Brasília, formando-se um dos mais criativos representantes do design da Capital.



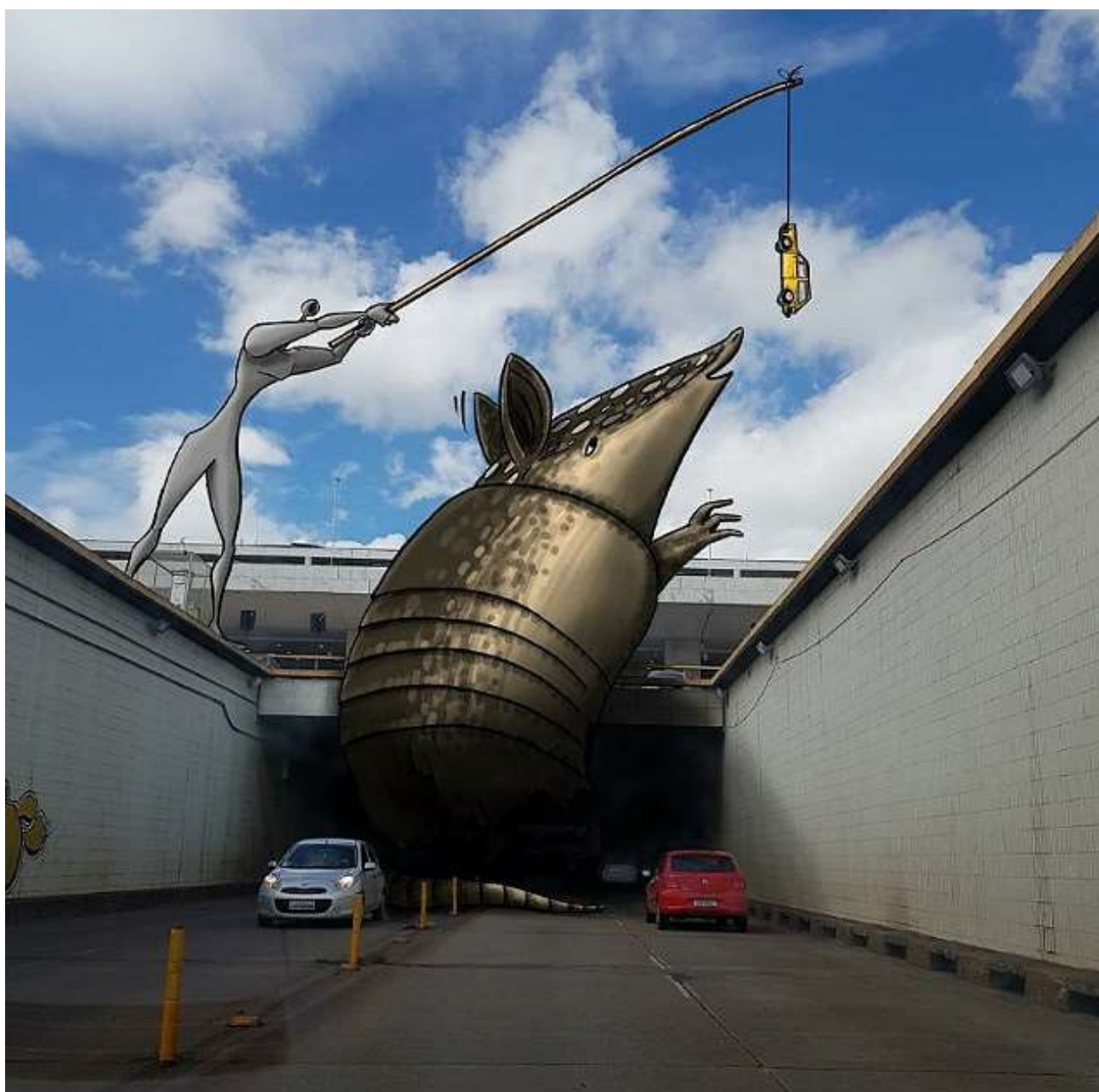
Desenho: Nilton Gonçalves

A inspiração nasceu quando ainda era pequeno, porém, conforme crescia, compreendia a grandeza do Distrito Federal, passando a sentir uma forte relação de pertencimento, que fortaleceu ainda mais o belíssimo trabalho realizado hoje.

"De uns tempos pra cá, percebi que os habitantes daqui também não tinham conhecimento de que estavam todos os dias vivendo em um patrimônio da humanidade. Notei, então, que Brasília não tinha um personagem que falasse por ela, alguém com identificação local que promovesse e defendesse a capital, contando aos brasilienses como somos especiais.

O Candango surgiu nesse contexto, em tributo aos pioneiros, inspirado na obra Dois Candangos, de Bruno Giorgi, nossa escultura mais famosa. Assim como a escultura, ele não precisa ter gênero, etnia nem religião. A ideia é que ele seja este personagem criativo, inclusivo e positivo, que olha com carinho para todo o DF.

Somos a Cidade Criativa do Design, então ele invade fotos de moradores para contar suas histórias e se tornar, quem sabe, um dos ícones criativos da cidade."



Desenho: Nilton Gonçalves

Sobre o desenho que mais emocionou o autor, eles discorre:

"É uma tarefa quase impossível eleger um só desenho como preferido, porque há muitas histórias envolvidas em cada criação. Mas considerando o critério da emoção, eu escolheria a primeira postagem. Ela foi feita em meu celular com uma canetinha de tela convencional, pois era assim que eu fazia os primeiros desenhos.

Esta ilustração simples, mas carregada de significado, representa o respeito do personagem pela obra que o inspirou e, mais ainda, por todos os candangos homenageados na Praça dos Três Poderes. A escultura reverencia os pioneiros, e o "Candango na Foto" reverencia ambos, como quem pede a bênção para continuar o legado na era digital."



Desenho: Nilton Gonçalves

Quando questionado sobre os projetos futuros, o autor de CANDANGO NA FOTO não teve dúvidas quanto aos próximos objetivos a serem alcançados. Animado responde que, além do instagram, o CANDANGO, seu personagem, vai se aventurar no livros.

"Estamos produzindo um guia ilustrado e acessível que contará a história de todas as regiões do Distrito Federal, seus personagens e monumentos. A obra vai ter uma pegada semelhante à do perfil @candangonafoto com fotografias invadidas por ilustrações que contam nossas histórias reais.

A ideia é dar representatividade para todas as regiões de Brasília, para além do Plano Piloto. Vamos oferecer o guia gratuitamente a escolas e bibliotecas do DF. As pessoas precisam ver sua própria região sendo reconhecida e enaltecida. Somos muitas culturas em uma só e essa diversidade é uma imensa riqueza que precisa ser compartilhada.

Pode ser replicado em qualquer região administrativa, gerando engajamento, conexões e reconhecimento local. Imagine um guia ilustrado do Núcleo Bandeirante, do Recanto das Emas, de Planaltina, aprofundando nas narrativas de cada lugar!"

Brasília em seus 60 anos, educação e RESSIGNIFICAÇÃO

"Neste aniversário, vejo uma Brasília monumental, linda e repleta de contrastes. Moradores e visitantes estão descobrindo como essa cidade é realmente única, de história cativante e que merece ser explorada como uma gigantesca maquete a céu aberto. A velocidade dessa descoberta cresce graças à internet e ao mundo conectado. **Enquanto isso, diversas regiões administrativas carecem de cuidados e valorização, como se não fizessemos todos parte de um mesmo organismo vivo. Mas fazemos.**

Quanto mais conhecermos nossa história, mais valorizaremos tudo que nos rodeia. E coisas pequenas, como uma placa, podem ganhar outro significado. A jovem capital está fortalecendo sua identidade, consolidando-se como destino internacional no turismo e todos temos a ganhar com isso.

Em tempos de redes sociais, posso dizer que o Candango nasceu para ser um influenciador digital, e analógico também. O perfil no Instagram diverte enquanto conta nossas histórias, mas isso pode sair das telas e chegar às ruas de cada região, empoderando seus moradores e resgatando a identidade local.

Eu não acredito em qualquer ressignificação que não passe pela educação. Não costumamos valorizar o que não conhecemos e a intenção do personagem, como já mencionei, é tornar nossas histórias conhecidas. Hoje, ainda existe um abismo entre a Brasília tombada e o restante do Distrito Federal. Muitos nem sabem que cidades satélites deixaram de existir há anos e que todos agora somos Brasília.

A educação é a chave. Primeiro, as ilustrações no Instagram, depois, um livro criterioso e ilustrado de história; em seguida, o que nossa criatividade coletiva permitir, até que todos nós vejamos sentido em pertencer à Brasília, capital da esperança."



Desenho: Nilton Gonçalves



Desenho: Nilton Gonçalves



SIGAM O
NILTON,
NO
CANDANGO
NA FOTO



Onde encontrar o CANDANGO NA FOTO:

Instagram CANDANGO NA FOTO: <https://www.instagram.com/candangonafoto/>

CRÔNICAS DE BRASÍLIA CONVERSA DE AEROPORTO

Por RUBENS PERLINGEIRO

Onde você mora?

Em Brasília.

Em que bairro?

Lá não tem bairro. Tem Região Administrativa.

Quer dizer que não tem Leblon, Ipanema, Copacabana?

Não, mas tem Guará, Ceilândia, Taguatinga.

É verdade que lá as ruas não têm nome?

É, sim. Elas têm letras.

Ué, mas o alfabeto só tem 26 letras. Então a cidade só tem 26 ruas?

Não. São usadas letras e números. As letras indicam os pontos cardeais.

Ponto cardinal é onde tem um chefe da Igreja Católica?

Nesse caso, não. Cardinal é a posição no mapa: Norte, Sul, Leste e Oeste.

Então todo mundo lá precisa andar com um GPS na mão?

Não. Não é necessário. Por exemplo: o W indica Oeste e o L indica Leste.

Por que o Oeste é com W?

Porque West, em inglês, significa Oeste.

Mas então por que o Leste é em português?

Sei lá. Isso foi ideia do Lúcio Costa, o arquiteto que desenhou a Cidade.

É verdade que a Cidade não tem esquinas?

Não é bem assim. É que as esquinas não são movimentadas como as de outras cidades.

Também é verdade que tem uma rua só de farmácias e uma só de restaurantes?

Mais ou menos. Algumas têm um tipo de comércio principal.

Quer dizer que se eu estiver na rua das farmácias não posso comer nada?

Claro que pode. Há outras atividades também, além da mais comum.

Como é o nome daquele lago grande?

Paranoá. É o nome do principal rio que o alimenta.

Eu ouvi outra história. Que quando Juscelino voava sobre o Lago se emocionava e gritava para o piloto do helicóptero: "para no ar; para no ar", e daí veio o nome do Lago.

Essa história é engraçada, mas foi inventada.

É verdade que a cidade é um avião porque tem asa e piloto?

Bem, Lucio Costa não quis desenhar um avião, e sim uma cruz. Como o plano provisório foi chamado de "piloto" e as áreas residenciais foram chamadas de "asas", surgiu essa lenda de que a cidade é um avião.

Eu vi a posição do avião no mapa. O "piloto" fica no Congresso Nacional?

Bom, se a Cidade fosse realmente um avião, ficaria.

Então seriam 81 pilotos senadores e 513 copilotos deputados?

Na hipótese de um avião, seriam.

Deus me livre. Eu jamais entraria em um avião desses.

Fique tranquilo. Brasília não decola.

Ufa, que alívio. Boa viagem de avião para o seu avião.

Gostei do trocadilho. Até a próxima.

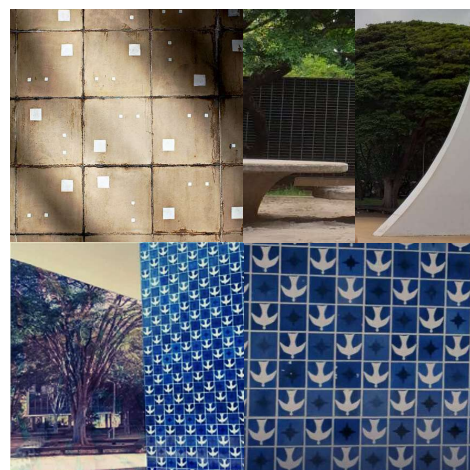


Imagem: Angelina Quaglia

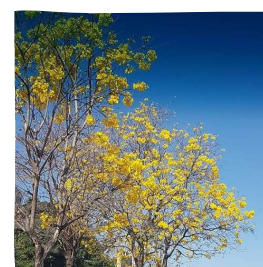


Imagem: Bia Berçott

O TOM DA CONVERSA

Por Jorge Nassar

A música é parte da essência humana, é gutural, e por muitas vezes é capaz de nos remeter ao passado, ou levar-nos a um futuro desejado. Para Beethoven, "a música é o vínculo que une a vida do espírito à vida dos sentidos. A melodia é a vida sensível da poesia", por este motivo, falemos de música, com grandes músicos.

O TOM DA CONVERSA apresenta o músico Oswaldo Amorim, professor na Escola de Musica de Brasília, mestre em Jazz Performance - Contrabaixo na instituição de ensino Manhattan School of Music, e pela The Collective School of Music de New York City, graduado em licenciatura em música pela Universidade de Brasília - UnB.

Nem todo mundo sabe, mas um dos maiores baixistas de Brasília e do Brasil é natural do Rio de Janeiro. Como foi essa epopeia que lhe trouxe para a Capital Federal?

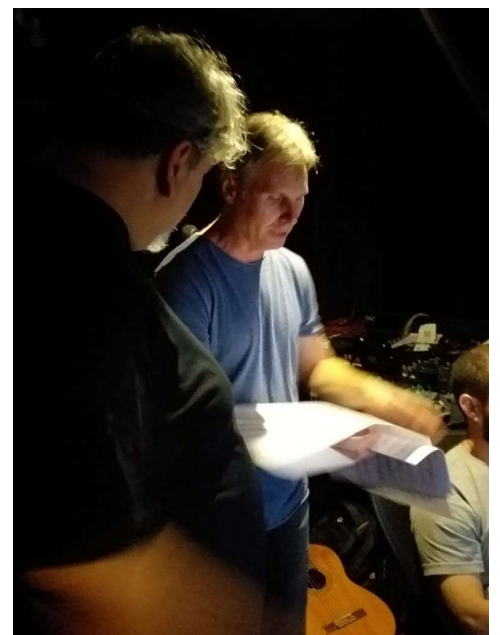
(risos) "Vim parar em Brasília, devido a transferência dos meus pais, do Rio para cá em janeiro de 1990. Cheguei xingando a Cidade, mas cinco anos depois meus pais voltaram para o Rio e preferi ficar. Brasília me acolheu e a escolhi como lar. Minha filha, hoje com 14 anos, nasceu aqui. Criei raízes nessa Cidade."

Você morou e estudou fora do país por um período, para estudar seu instrumento, tendo inclusive tocado em outros países, inclusive na Europa. Como analisa a cena musical internacional e nacional? Quais são as diferenças fundamentais, tanto em estrutura como em público?

"Uma ótima pergunta, pois a principal diferença é a valorização e o reconhecimento da profissão. Ser músico nos EUA ou Europa é uma profissão extremamente valorizada e admirada. Aqui no Brasil infelizmente ainda temos muito que evoluir. Passei anos tentando explicar para parentes e pessoas que minha profissão era a música, pois sempre que respondia vinha a indagação: "sim, mas você trabalha com o quê?". Ou ainda, ah, mas como você faz para ganhar dinheiro. Desanimador."

Em relação a estrutura é outro fator que estamos muito atrasados. Aqui um restaurante ou bar para ser chamado de casa de shows basta ter música ao vivo, mas sem nenhuma estrutura necessária para tal. Ou seja, na maioria das vezes esse estabelecimento não tem palco, sonorização, técnico de som, iluminação e muito menos camarim. Infelizmente na capital do país temos pouquíssimas casas especializadas em musica ao vivo, e a maioria dessas casas sem a devida estrutura.

Em 2019 fiz a direção musical de um belíssimo espaço na Cidade, com dois shows diferentes por semana, e deu muito certo por 6 meses, mas cansei, pois estava carregando sozinho o projeto nas costas, sem o devido apoio e investimento por parte dos donos e bem como, pela ausência do grande público. Muitas pessoas reclamam que Brasília não tem espaço para esse ou aquele tipo de música, mas quando surge um, não prestigiam e valorizam."



Fotografia: Angelina Quaglia

Você está acostumado a acompanhar artistas de diversas vertentes, tanto locais, quanto nacionais ou internacionais. Como é para você ser assim tão requisitado. Ao que atribui essa demanda?

"Sempre fui muito focado e determinado em me aprimorar. Estudei com inúmeros grandes músicos do Brasil e de fora, sempre buscando mais, sempre inconformado com o que tocava. Através dessa busca constante e incessante fui premiado com uma bolsa de estudos pelo MEC (Programa APARTES) para estudar em Nova Iorque na Bass Collective, com o mestre John Patitucci, entre outros grandes professores no ano de 1998. Foi um ano de curso e de imersão no instrumento e na música, que me levou no ano seguinte a conseguir uma bolsa de 75% para cursar o Mestrado em Jazz Performance na Manhattan School of Music, uma das melhores Faculdades de Música dos EUA.

Foram cinco anos residindo na meca do Jazz e da música. Aprendi muito e voltei com muita bagagem e experiência que me renderam esse retorno e esse reconhecimento. Claro que somado a tudo isso, conta muito o profissionalismo."

Você é professor da Escola de Música de Brasília. Lecionar é tão apaixonante quanto tocar?

"No meu caso sim. Sou apaixonado pela docência. Comecei a dar aulas muito novo. Em 1993 já era professor temporário de contrabaixo elétrico na Escola de Música de Brasília. O principal motivo de ter saído de Nova Iorque e ter vindo para cá foi a Escola de Música. Tinha uma carreira sólida, acompanhando, gravando e tocando com diversos artistas, em locais consagrados tais como: Blue Note, Birdland, SOB's, Cleopatras Needle, Decade, Knitting Factory, 55 Bar, Le Bar Bat, Village Underground, The Cubing Room, Zinc Bar, The Cupping Room, Europa Club, The Elbow Room, CBGB's, The Easy Bar, dentre outras.

Em meados de 2002, recebi o convite do Maestro Carlos Galvão para lecionar no Curso Internacional de Verão de Escola de Música de 2003, acabei aceitando tanto esse convite, quanto o de fazer o concurso para a Secretaria de Educação em dezembro de 2002. Passei e aqui fiquei. Aprendo muito com meus alunos e amo a Escola de Música, local que estudei, me aprimorei e que me profissionalizou. Essa Escola é maravilhosa!"

Brasília é uma cidade que transpira cultura. Na parte musical, a cidade já revelou grandes artistas e instrumentistas como a Legião Urbana, Hamilton de Holanda, Cássia Eller, Gabriel Grossi, Milton Guedes, entre tantos outros. Porém, a cidade ainda vive uma crise de público com a música local! O que você acredita que possa ser feito para mudar isso?

"Com certeza. Arrisco dizer que essa crise se arrasta há quase dez anos. Quando aqui cheguei, em 1990, Brasília tinha música ao vivo em todo canto, com shows lotados todos os dias da semana. A Cidade respirava música.

Para reverter esse quadro é preciso uma mudança de mentalidade por parte do empresariado, que em sua maioria não está realmente comprometido com a qualidade musical ou com a estrutura do seu espaço para melhor atender os músicos e o público. Nos EUA e na Europa você encontra casas de show centenárias, em que as pessoas muitas vezes vão assistir shows sem sequer saber qual é a atração, pois sabem que naquele local tem um padrão de qualidade, de boa música e bons músicos. Aqui, grande parte do empresariado não pensa em criar e conquistar um público, ele quer retorno financeiro imediato. Brasília tem inúmeras Embaixadas, pessoas do mundo todo, o local perfeito para se investir em casas especializadas em música ao vivo. Falta visão e interesse em agregar valor.

Por outro lado, temos o excesso de impostos e taxas a serem pagas e uma imensa burocracia para se iniciar e montar um empreendimento, além de órgãos de fiscalização como a AGEFIS que enxergam a música como barulho. Brasília criou a absurda Lei do Silêncio, que serviu para dizimar boa parte das casas noturnas e da música ao vivo. Lamentável que de Capital do Rock, do Choro e de tantos grandes músicos, Brasília tenha virado a Capital do Silêncio.

Outro fator é o próprio público, que muitas vezes não valoriza e prestigia o artista local."

Jaco Pastorius⁰¹ (1951- 1987) é talvez a sua grande influência, inclusive merecendo um show tributo de sua parte. E aqui fica a pergunta: Como o artista, mesmo buscando referências, constrói o seu próprio estilo fugindo de estigma de "copião"?

"Para se ter uma voz, uma identidade no instrumento é preciso primeiro buscar referências daquilo que te emociona, te toca, te move, e Jaco sempre provocou isso em mim.

Desde a primeira vez que vi e ouvi Pastorius, através de um vídeo-aula em 1987, fiquei completamente extasiado pela forma que ele tocava e o som que tirava do instrumento. Jaco foi uma Escola para mim, tirei tudo que podia dele, mas chegou a um ponto que estava virando um clone dele e tive que me distanciar para criar minha própria voz. Não foi fácil, mas graças também a ele, e outras influências tenho minha sonoridade própria no instrumento e na maneira de tocar. Sempre me preocupei com o som de cada nota tocada e não com a velocidade ou em impressionar essa ou aquela pessoa. Isso foi determinante para criar meu estilo, minha voz no instrumento."

Para um compositor como eu, é um prazer enorme poder trabalhar com músicos do seu gabarito. E nossa parceria foi tanto na produção e nos arranjos, como na gravação, em que você mesmo gravou o baixo da música SOUL CAPITAL, que integrou o documentário 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA. A produção musical é uma vertente profissional que você almeja para a sua carreira?

"Adorei participar dessa gravação, música belíssima e o resultado ficou maravilhoso.

Já fiz muitas produções, arranjos e direção musical, e acredito que a tendência é me aprimorar e aprofundar cada vez mais nessa área de atuação musical. Acho que é um caminho natural, até pela bagagem e experiência que carrego nesses trinta anos como músico profissional, além de ser muito prazeroso e gratificante esse trabalho."

Assisti a um dos seus shows de lançamento de seu CD autoral no Clube do Choro, que foi espetacular. O quanto a composição autoral ocupa de prioridade na sua atuação musical?

"Infelizmente não o tanto que deveria. A maioria das minhas composições foram feitas durante os cinco anos que morei em Nova Iorque, minha fase mais produtiva como compositor. Diria que durante esses trinta anos, mais da metade das músicas que compus, foram feitas durante esses cinco anos. Acho que desde minha volta para o Brasil, boa parte desse processo criativo foi direcionado para arranjos e produções. De vez em quando sai uma nova composição. Por acaso, acabo de compor uma música durante essa quarentena, além de várias idéias musicais que podem virar músicas."

Algum novo projeto em vista?

"Sim. Acabo de lançar o CD Primeira Viagem com o grupo SOM Trio, ao lado do pianista Serge Frasukiewicz e do baterista Misael Barros, grupo esse que é referência da música instrumental na Cidade, com mais de 10 anos de atuação.

01 - Jaco Pastorius é considerado um dos baixistas mais influentes e todos os tempos. Ainda no início de sua carreira profissional, resolve tirar os trastes do seu instrumento criando uma nova sonoridade para o mundo dos graves. Com o Baixo Fretless (sem trastes) revolucionou a maneira de tocar.

Estou em processo de captação de recursos, através do Catarse, para viabilizar o lançamento do meu primeiro vinil, que já está prensado na fábrica, aguardando o pagamento. Se tudo der certo estarei lançando esse vinil em Novembro.

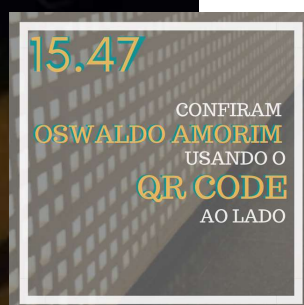
Estou também com um canal no Youtube, onde pretendo fomentar cada vez mais com dicas, aulas e shows."

Agora é hora de te botar na fogueira. Sabemos que você já acompanhou inúmeros músicos de renome e outros nem tanto. Mas sem desmerecer os demais, qual seria a parceria de palco que você sentiria enorme prazer em reeditá-la?

"Já toquei com diversos artistas de renome do Brasil e do exterior, mas com certeza essa pessoa seria Branford Marsalis, o músico mais impressionante com quem tive o privilégio de tocar."



Oswaldo Amorim
Fotografia: Renato Vasconcellos



Notas sobre o autor:

Professor efetivo da Escola de Música de Brasília (CEP-EMB), desde 2003 e Músico profissional desde 1990, com inúmeros shows no Brasil e no exterior (Argentina, Cuba, Equador, Estados Unidos, Paraguai, Portugal, Rússia e Ucrânia), tendo gravado e tocado ao lado de: Branford Marsallis, Marcio Montarroyos, Roberto Menescal, Toninho Horta, Sérgio Sampaio, Hermeto Paschoal, Raul de Souza, Danilo Caymmi, Mauricio Einhorn, Ricardo Silveira, Léo Gandelman, Victor Biglione, Toninho Ferragutti, Nelson Farias, Hamilton de Holanda, Nivaldo Ornelas, Lula Galvão, Carlos Malta, Manassés, Vinícius Cantuária, Leandro Braga, Raul Mascarenhas, Marcos Ariel, David Helbock, Vitor santos, Garry Dial, Andrei Kondakov, Gary Keller, Oswaldinho do Acordeon, Iva Bittová, Bocato, Jovino Santos Neto, Renato Vasconcellos, Dave Pietro, Conrado Paulino, Cris Delanno, Jeff Gardner, Daniela Spielman, Mike Tucker entre outros.

O MUSEU E O USO DO ESPAÇO NA ORLA DO LAGO PARANOÁ

Uma ideia de projeto

Por RENATA CORREA

Ao notar ruínas escondidas em uma cidade tão recente como Brasília surge o espanto e a curiosidade sobre a história do local e o que a levou àquele estado. Curiosidade que revelou a verdade por traz dos escombros: um projeto que, junto ao seu criador, sofreu as consequências da omissão da democracia.

Sérgio Bernardes, arquiteto do que seria a Escola Superior de Guerra (ESG, hoje ruínas), foi levado ao ostracismo por pensar diferente dos moldes ditatoriais da época. Impedido de continuar a obra, a ESG se manteve por anos sem ser concluída, se tornando ruínas.

O objetivo tornou-se estudá-las e propor um projeto arquitetônico que, por meio de simbologias arquitetônicas e elementos sensoriais, trate sobre o tema Ditadura Militar e suas vítimas, incluindo as ruínas e Sérgio Bernardes. Como consequência surge um museu onde o espectador é guiado por um caminho d'água encoberto por vidro. Este leva, junto aos corredores estreitos, duros e frios, o visitante pelo acervo que conta a história da tomada do poder pelos militares até a democracia, cronologicamente. O momento notável do acervo é a caixa d'água existente, permanecendo em seu estado puro, contendo o acervo sobre as ruínas e o arquiteto Sérgio Bernardes. Este local recebe uma plataforma em vidro e a primeira e maior abertura zenital do edifício.



Museu dos Silenciados
Imagem 3D: Renata Correa

De acordo com o processo de retomada da democracia, surgem mais aberturas zenitais em forma de cicatrizes, os quais tornam o tal ambiente duro e frio, em claro e caloroso. No fim, quando o tema trata da retomada da soberania popular, o espectador é levado à saída e se depara com a beleza do Lago Paranoá e a o indescritível céu de Brasília. EIS A DEMOCRACIA!

No fim deste trajeto, pode-se observar a topografia que escala as paredes e cobertura do edifício, cobrindo as aberturas zenitais.

Assim se faz a analogia: a água que veio pelo percurso, limpando e trazendo a história consigo, alimenta a vegetação do local que, por sua vez, "abraça" a ruína e suas cicatrizes, curando-as!



Museu dos Silenciados
Imagem 3D: Renata Correa



Museu dos Silenciados
Imagem 3D: Renata Correa

O edifício será a primeira história contada pelo museu. Os três elementos que permanecem, interagem com o tempo de maneiras diferentes são integrados ao conceito sugerido: a água que permanece estática, a vegetação que cresce e toma o espaço da construção, e o concreto que rui com o passar dos anos. Estes três recebem dois únicos elementos para a composição da edificação: vidro e metal.

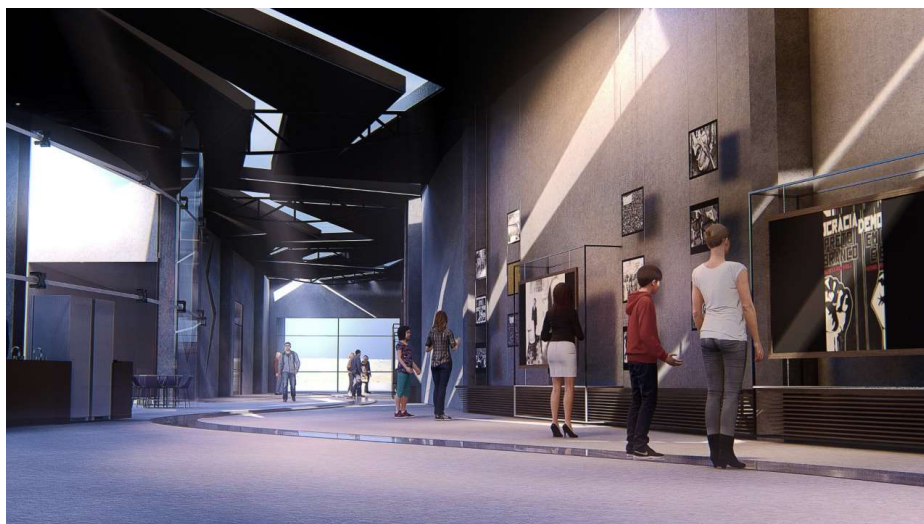
O formato original definido pelo arquiteto Sérgio Bernardes é mantido e traz o conceito de integração à natureza que o mesmo defendia: **“O edifício não deve brigar com as características do meio em que se insere, deve se integrar e “desaparecer” nelas, pois o que se deve ser exaltado e admirado aqui é a natureza.”** (Sérgio Bernardes, sem ano).

A escolha da estrutura se insere na sensação desejada para o expectador. São treliças metálicas expostas que, de acordo com o distanciamento entre seus pilares, aumentam a altura central, formando “barrigas” cada vez maiores de acordo com o caminhar direcionando a perspectiva visual aos corredores. O uso da infraestrutura interna terá função volumétrica, estrutural e histórica.

O mobiliário projetado para ocupar a parte interna do Museu dos Silenciados busca uma solução híbrida em seu princípio: é assento e espaço expositivo ao mesmo tempo. Além de atender a ambas as necessidades de um espaço de exposição, a peça se integra ao conceito da edificação e ao ambiente interno como um todo.



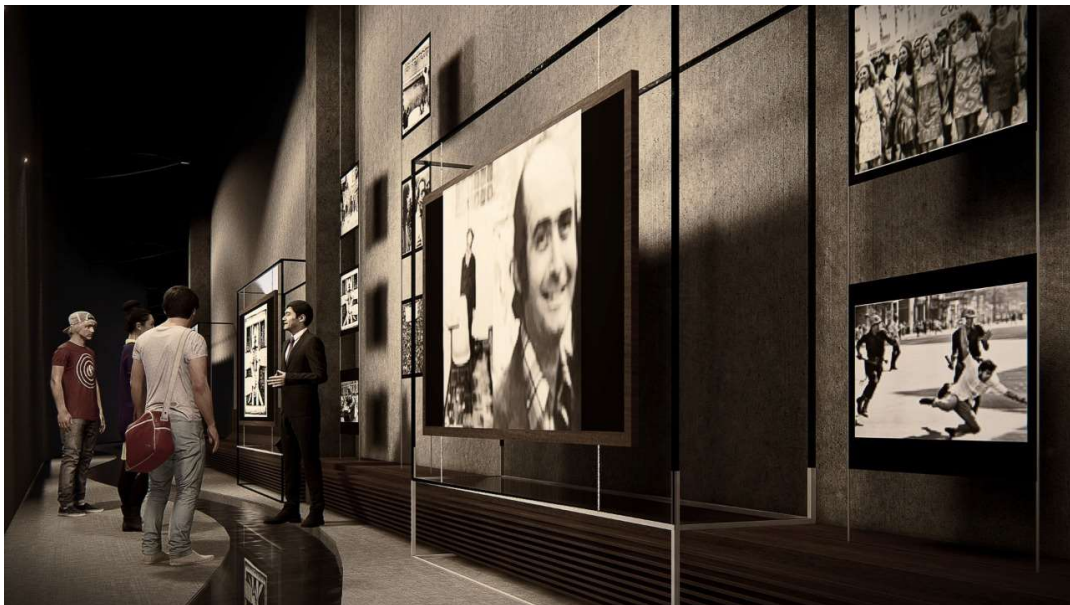
Museu dos Silenciados
Imagem 3D: Renata Correa



Museu dos Silenciados
Imagem 3D: Renata Correa



Museu dos Silenciados
Imagem 3D: Renata Correa



Museu dos Silenciados
Imagem 3D: Renata Correa



Museu dos Silenciados
Imagem 3D: Renata Correa



Museu dos Silenciados
Imagens 3D: Renata Correa

Notas sobre o autor:

Renata Mendes Correa foi uma das cinco finalistas regionais do ÓPERA PRIMA, um concurso de projetos de graduação que visa promover os melhores trabalhos de graduação dos novos arquitetos. O projeto teve a orientação do arq. Frederico Lúia S. A. de Carvalho, e Co-Orientação da arq. Andréa G. Moreira

DESIGN INSPIRADO NO CERRÁDO E NA FAMÍLIA EM BRASÍLIA

MARCELO BILAC

Por Angelina Quaglia



Fotografia cedida por Marcelo Bilac

CRIATIVIDADE E COMPETÊNCIA, ALIADAS A UMA PERSONALIDADE EXTREMAMENTE GENTIL

Não é difícil observar em Brasília o espírito criativo que inspirou o seu nascimento. Pode-se dizer que há por aqui um vento inspirador observado nos detalhes do desenho urbano proposto por Lucio Costa, nas edificações projetadas por grandes arquitetos, tendo como expoente maior Oscar Niemeyer, e nas belas obras de arte que podem ser admiradas gratuitamente em edifícios e áreas urbanas, como a exemplo das obras de Marianne Peretti, Athos Bulcão e Bruno Giorgi, trazendo elegância a cidade até onde os olhos podem alcançar.

Brasília instiga as boas criações e inspira uma vasta gama de designers promissores, nascidos ou erradicados em "terras brasilienses", suscitando a realização de trabalhos excepcionais! Este é o caso do designer brasiliense, formado em Desenho Industrial da Escola Técnica Federal do Mato Grosso, Marcelo Bilac. Criativo e competente, recebe inspiração para as suas criações a partir das histórias de sua família, por meio do cerrado (bioma regional), e do convívio diário com a cidade. Talentoso e dono de uma personalidade extremamente gentil, sobressai-se com criações icônicas que representam memórias, como a bela história de seus avós na construção da Capital Federal, a festa de um filho, os olhos humanos e a muricí, uma espécie do cerrado. Devido a sua competência e criatividade, pertence a um seleto grupo de representantes do design na capital.

O designer afirma que a receita para projetar bem implica na "**necessidade das peças contarem uma história para fazer sentido, transpondo a simples criação**", além da "**pesquisa e aplicação, e dos testes para verificação de função, além da forma**". Entre seus trabalhos, todos baseados na sua "formula de criar" estão, o **banco CAVALETE**, exposto na feira brazilsadesign 2017 em Milão, a **cadeira BOOMERANG**, exposta também em Milão e no @paralelafeira em São Paulo, e a **mesa MURICÍ**, uma homenagem a bela árvore que vem ser uma das primeiras a renascer depois do longo tempo e de secas e queimadas no cerrado.

Uma importante escolha do designer em seu trabalho é a sustentabilidade, pois optou por um vasto reaproveitamento de madeira e peças industriais acontece, bem como empregar profissionais da região onde encontra-se o seu atelier e marcenaria, a Ceilândia, cidade onde optou também por morar. Dois bons exemplos do trabalho sustentável e com história são a mesa de canto MURICÍ, e a cadeira BOOMERANGE.

A cadeira BOOMERANGE foi criada por Marcelo no dia do aniversário de seu filho, como uma ideia surgida enquanto estava sentado no sofá de sua mãe pensando numa nova peça, como contou em live/entrevista para o projeto 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA. Um móvel descontraído e dinâmico, como pretendido por ele. Uma peça única com características industriais, composta por madeira, matéria prima mais utilizada em seu trabalho e encaixes metálicos. A BOOMERANGE foi inscrita de última hora e selecionada como uma das quarenta obras expostas no evento Brazil S/A, que acontece dentro da programação da feira de design Fuorisalone e paralelamente ao Salão Internacional do Móvel e ao Design Week, em Milão, no ano de 2018. Além de Milão, a cadeira foi exposta em duas feiras de design de São Paulo, em 2017.

"A criação é resultado de como enxergamos o mundo, e a partir dela podemos dar significado e valor a cada registro deixado por nós nesse breve tempo de vida(...)"

"Sou apaixonado por trabalhos manuais desde criança. Aos 9 anos de idade fiz meu primeiro carrinho de rolimã"

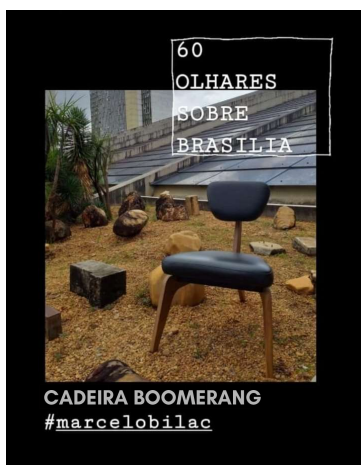


Imagem: 60 olhares sobre Brasília - cadeira e Teatro
Fotografia: Angelina Quaglia

A cadeira boomerang foi uma das peças chave na gravação de 60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA, sendo o pouso para a leitura do texto que envolveu o recorte das cartas.

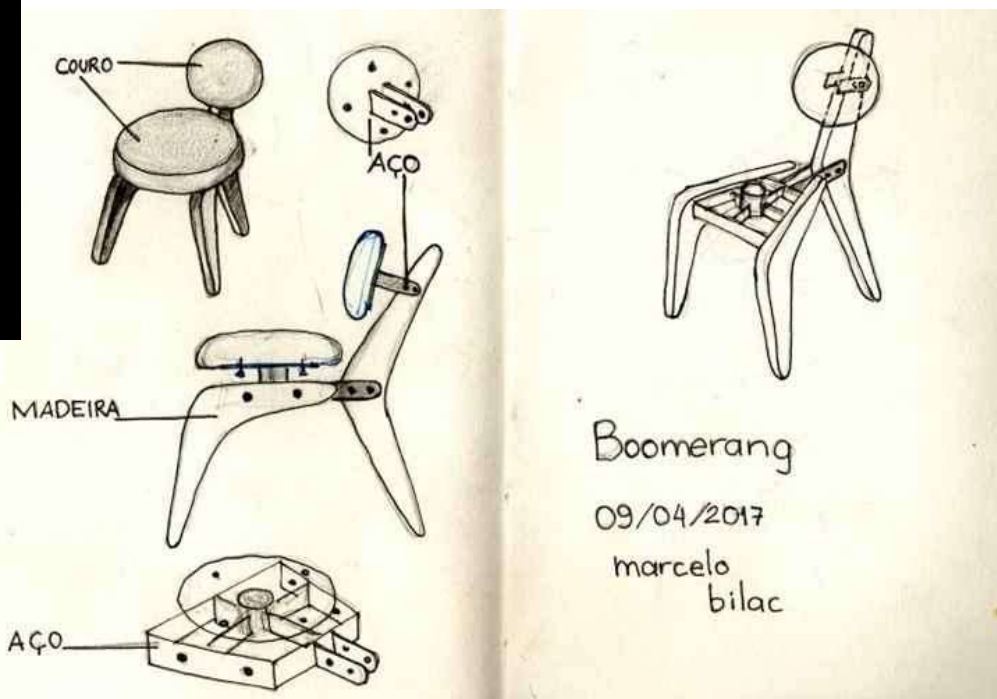


Imagem: Croquis de Marcelo Bilac para a cadeira boomerang



Imagem de Marcelo Bilac

"Murici é uma das primeiras arvores do Cerrado a rebrotar após um longo período de seca ou queimada. O renascimento nesta criação, é reforçado pela utilização de resíduos industriais de madeiras nobres, com a sua folha em aço de giro mecânico, que proporciona interatividade e novas perspectivas."




Aparador Raiz

por Marcelo Bilac



"Meus avós vieram para capital no final da década de 50 para ajudar na construção da nossa cidade. A inspiração da Mesa Raiz é o retrato desse esforço, que representei na forma de duas pessoas sustentando o tampo. A madeira de tonalidade escura e tampo em couro preto, busca aproximação com linguagem dessa época. (...) Em sua estrutura, faço a projeção de duas pessoas sustentando o tampo, para simbolizar o esforço do trabalho deles. Neste mesmo corpo, também retrato o mapa da capital idealizado por Lúcio Costa."

 usinadamadeira



Conheça mais sobre
os belos trabalhos de

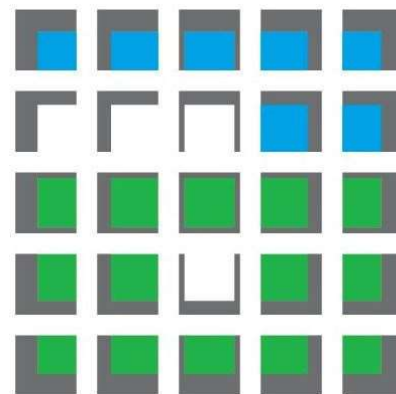
**marcelo
bilac**
aqui



Selo CAU/DF de Arquitetura de Brasília

Por CAU DF

No ano em que a capital do país completa 60 anos e na data em que se comemora o Dia Nacional do Patrimônio Histórico (17 de agosto), o Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Distrito Federal – CAU/DF, por meio de sua Comissão Temporária de Patrimônio, lança o Selo CAU/DF – Arquitetura de Brasília. A iniciativa, idealizada pela autarquia federal, visa celebrar a arquitetura moderna do Conjunto Urbanístico do Plano Piloto, valorizando a arquitetura não monumental da cidade – blocos residenciais, casas, edifícios comerciais, edifícios de escritórios e edifícios institucionais. O objetivo é reconhecer o valor histórico dessas edificações e de seus autores – pouco conhecidos pelo público geral –, bem como divulgar as boas práticas de conservação e manutenção predial que preservaram a linguagem arquitetônica do movimento moderno.



Selo CAU/DF Arquitetura de Brasília

Selo criado por Danilo Barbosa

Em consonância com a identidade visual de Brasília a marca do selo foi doada pelo arquiteto e urbanista Danilo Barbosa – coordenador da equipe que criou o projeto das placas de sinalização da cidade, em 1976. O Selo é constituído por uma placa alusiva à obra, a ser fixada nas suas imediações, acompanhada de certificados emitidos pelo CAU/DF e entidades apoiadoras ao (i) autor do projeto original (ou um representante de sua família), (ii) ao autor do projeto de reforma/restauro (se houver), (iii) ao responsável técnico pela execução da obra e (iv) ao condomínio.

“As edificações do cotidiano, infelizmente, nunca tiveram o mesmo reconhecimento histórico que os destacados palácios, igrejas e edifícios públicos de Brasília. Muitas foram alvos de sucessivas reformas de manutenção predial que alteraram suas características originais, principalmente de suas fachadas. O Selo vem, portanto, reconhecer o trabalho daqueles profissionais que souberam preservar as características originais dessas edificações em seus projetos de reforma, sem deixar de adaptá-las às exigências da legislação atual, às normas técnicas, às novas funcionalidades e tecnologias advindas com o avanço dos tempos”, justificou o presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Distrito Federal, arq. Daniel Mangabeira. O presidente do CAU/DF ressalta, ainda, que o Selo não é um tombamento, mas um certificado de reconhecimento desta autarquia federal e de seus apoiadores pelo relevante trabalho de preservação da história e cultura da cidade.

A iniciativa tem o apoio da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Habitação (Seduh), da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa (Secult), da Secretaria de Estado de Turismo (Setur), da Administração Regional de Brasília e do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Distrito Federal (CREA-DF).

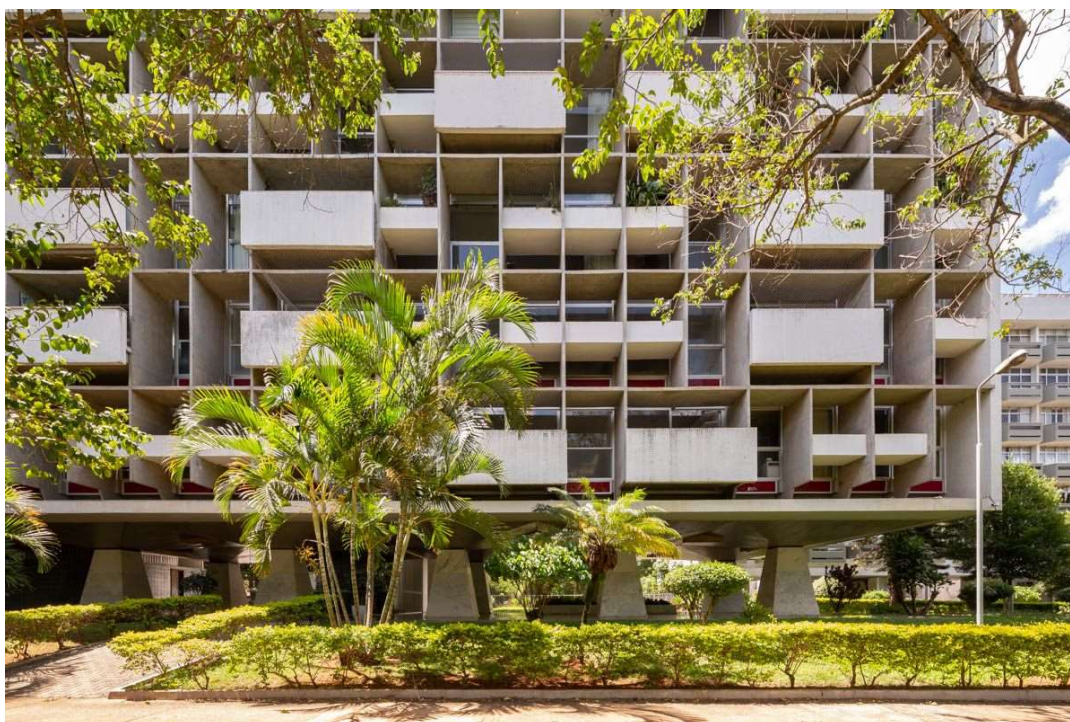
O coordenador da Comissão Temporária de Patrimônio do CAU/DF, arquiteto e urbanista Pedro de Almeida Grilo, destaca a importância de saber conservar o patrimônio histórico e moderno da Capital Federal para que as próximas gerações possam usufruir não apenas da plasticidade arquitetônica, mas também das boas técnicas construtivas de uma cidade planejada.

“Existe, hoje, uma cultura de reformas que, sob o pretexto de motivação técnica e conservação, acabam por remover seus principais atributos, descaracterizando a paisagem da cidade. Na realidade, o que percebemos é uma cultura de reformas cuja motivação não passa de um modismo de fachada, Torna-se cada vez mais raro encontrar exemplares bem cuidados de edifícios cotidianos da arquitetura moderna e pioneira da cidade que tenham preservado suas principais características, tão essenciais para a formação da imagem da Brasília que conhecemos e amamos quanto seus monumentos. O Selo vem, portanto, sensibilizar a sociedade de que as reformas prediais podem e devem ser compatíveis com a preservação da linguagem arquitetônica do movimento moderno”, reforça o coordenador Pedro Grilo.

Cabe ressaltar que a Comissão Temporária de Patrimônio foi criada em maio deste ano pelo CAU/DF, por meio da Deliberação Plenária nº364/2020, com a proposta de promover a arquitetura de Brasília representada pelas edificações e espaços públicos que fazem parte da vida cotidiana, muitas vezes relegada a um papel secundário por estar fora da escala monumental que trouxe reconhecimento à capital. A comissão é composta pelos arquitetos Antônio Menezes Júnior, Gabriela de Souza Tenorio, Giselle Moll Mascarenhas e João Eduardo Martins Dantas, além do coordenador Pedro de Almeida Grilo

A entrega do primeiro selo está prevista para ocorrer após o dia 15 de outubro. Até lá, a Comissão Avaliadora, composta pelos membros da Comissão Temporária de Patrimônio do CAU/DF, fará um levantamento das edificações que cumprem os critérios de avaliação para serem certificadas, sendo estes: (i) respeito à arquitetura original; (ii) manutenção adequada das fachadas; (iii) respeito às linhas gerais de composição do edifício; (iv) manutenção dos tipos de revestimento e cores originais, sempre que possível; (v) manutenção de elementos originais, se não for possível, critério na reconstituição/substituição; (vi) manutenção dos pilotis livres, sem cercamento; (vii) ausência de ocupações excessivas dos pilotis, e se houver intervenções, que respeitem a autenticidade do edifício.

Além disso, serão valorizadas as intervenções que: (i) ofereçam acessibilidade universal ao edifício, desde que respeitando sua arquitetura; (ii) resolvam de maneira adequada problemas atuais, como a inserção de aparelhos de ar condicionado e passagem de cabos; (iii) visem a sustentabilidade ambiental e conservação de energia do edifício, e estejam sem pendências administrativas em órgãos do GDF.



Bloco F da SQS 312 , projeto do arq. Marcílio Mendes
Fotografia: Joana França



PLANALTINA DF

**SE NÃO TEMOS MEMÓRIA, E NÃO TEMOS HISTÓRIA,
TEMOS FOME DE QUÊ?**

Casa de "Dona Negrinha"
Planaltina - DF

Quando observamos o patrimônio histórico de um lugar, precisamos considerar a temporalidade como um dos elementos primordiais de classificação, a fim de sermos justos sobre a percepção do legado ofertado ao longo dos anos.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN(1) afirma caberem três grupos a observar quando falamos na manutenção do legado histórico do Distrito Federal, sendo estes: (i) os bens e os valores preexistentes à construção de Brasília, como o patrimônio que corresponde como testemunha da presença de povos pré-históricos, as fazendas, os núcleos urbanos e edificações isoladas que sirvam como referência clara de período;

(ii) devem ser observados os bens e valores constituídos no processo de implantação e construção da cidade de Brasília, como vem ser o caso dos acampamentos iniciais, pioneiros, bem como as cidades e conjuntos urbanos no entorno do conjunto urbano do Plano Piloto, além de edificações parques e praças deste recorte histórico, dentre outros itens; (iii) e os bens culturais formadores e referenciais aos processos que nos formam como brasilienses hoje, e que são fruto dos saberes e fazeres inspirados nos de outras gentes que nos deram raízes, e até dos originados na cidade, como expressão característica de um grupo, que aqui habita, um legado.

**O belo e antigo
ladrilho terracota das
tesourinhas da Asa Sul,
a 'Casa da Dona
Negrinha', os casarões,
praças e espaços que já
foram destruídos em
nossa capital, tudo isso
é Brasília, é a pré-
história da cidade e
das gentes daqui, é a
nossa cultura,
memória e história
coletiva!
Qual o legado que os
governos querem
mesmo deixar?**

Brasília é uma cidade nova, construída como é sabido em meados do século XX, mesmo período em que foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO como Patrimônio da Humanidade (1987), antes mesmo de muitos bens patrimoniais mais antigos. Parte do tombamento fez-se necessário para salvaguardar muitas das características que ainda hoje podemos observar na cidade, como a manutenção das escalas propostas por Lucio Costa, e deu-se inicialmente em 1960 a partir do lei de organização administrativa de Brasília nº 3.751/1960 (1), e também na década de 80, com o Decreto nº 10.829/1987(2), este último com papel fundamental de consolidar a inscrição que nos dá o título de primeiro conjunto moderno urbano tombado. Entretanto, não apenas do patrimônio moderno existia na região, tendo em vista que nesta aqui habitavam goiânos e suas cidades compostas do seu legado colonial, em especial a cidade de Planaltina, por onde passaram tropeiros, cidade das tecedeiras dos arraiolos tradicionais, e por onde estive a Missão Cruls (1896 e 1922).

Planaltina já não mais ostenta seus modestos casarões coloniais, representantes de um período da história de Goyas (escrita antiga), e muitos dos que permanecem encontram-se desconfigurados. Porém, esta não é apenas uma condição deste lugar, no Centro Oeste, pois as perdas e degradações patrimoniais tem ocorrido em todo o país! Um triste processo de consecutivas perdas, que esfacelam o tecido da memória, que por sua vez "constitui-se de um saber, formando tradições, caminhos – como canais de comunicação entre dimensões temporais – ao invés de rastros e restos como no caso da lembrança" (2002, p.116). Não podemos mater nossas vozes caladas, e continuar permitindo a desconfiguração de TUDO com a desculpa da renovação dos lugares. Algum respeito há de existir! Como afirmou Lemos (1981, p.22):

"Em geral guardamos os objetos e as construções ricas da classe poderosa. Guardaram-se os artefatos de exceção e perderam-se para todo o sempre os bens culturais usuais e corriqueiros do povo. Esses bens diferenciados preservados sempre podem levar a uma visão distorcida da memória coletiva, pois justamente por serem excepcionais não têm representatividade."

Sabe-se que grande parte dos imóveis antigos estão nas mãos de propriedade particular, e os imóvel particulares são, sem sombra de dúvidas, os mais complexos quanto a oferta de manutenção e preservação. Fechados por anos, como foi o caso da casa de "Dona Negrinha", demolida na última semana de outubro em Planaltina DF, os bens sofrem com a degradação levando consigo o patrimônio histórico e cultural de um período, a nossa história. A falta de manutenção preventiva e corretiva vem ser um dos maiores problemas a resolver. Como não há incentivo fiscal para este tipo de cuidado com o imóvel passível de tombamento, por vezes falta dinheiro por parte do proprietário, bem como é um fato a falta de educação patrimonial nas escolas, onde nem o ensino da valorização e respeito aos bens ocorre, sejam estes materiais ou imateriais, muitos dos proprietários optam por permitir que o bem vá a ruína, ou por demoli-lo.

Hoje o grito de dor sobre a demolição dos casarões antigos se repete em todas as cidades brasileiras, e representa um país onde o patrimônio tende a ser substituído pelo "novo", até porque a valorização da memória sobre o que não é assegurado por lei, é falho. Não há na maioria de nossas cidades conselhos de preservação da memória, da paisagem, de tantas coisas.

De quem é a culpa foi do estado ou do dono do imóvel? Impossível saber!

O casarão da Dona Negrinha representa apenas um de muitos que ruíram ou foram vendidos por suas famílias, por pechinchas, para fins de demolição e venda do terreno. [coaxilados](#)

Este em especial estava localizado próximo a área de tutela do tombamento do Museu Histórico e Artístico de Planaltina (Decreto nº 6.939/1982), que se melhor aproveitada, atrairia turistas e certamente a curiosidade de muitos brasilienses, como um ponto importante de conhecimento e até mesmo de lazer, com revitalização dos espaços públicos e da arquitetura. O não impedimento ou a percepção de toda essa perda, gera uma “corrosão temporal” da memória (Diehl, 2002, p. 118) irreparável.

Há a necessidade de ressaltar que a Associação dos Amigos do Centro Histórico de Planaltina – AACHP, na figura da Sra. Simone Macedo (fundadora da AACHP), ao longo dos anos, vem lutando para que o espaço também fosse um patrimônio tombado.

Faz-se necessário e urgente a inserção de algum tipo de política pública ofertando a população em geral educação patrimonial que ressalte a importância da manutenção de nossa memória "numa abordagem interdisciplinar", elaborando as bases de estratégias de Educação Patrimonial (Goodey, 2002, p. 93), ou em breve, e mais uma vez, perderemos partes importantes de nossa memória, cultura e tradições.

Infelizmente vivemos num país onde 52,5 milhões de brasileiros ainda encontram-se na linha da pobreza (Síntese de Indicadores Sociais - SIS. 2019), ficando claro que manter o patrimônio é a menor das prioridades e das vontades por parte da população, e por muitas vezes do estado, responsável maior pela manutenção e ensino da história. E sabendo que vivemos num mundo onde até o fim de 2020, a pandemia de Covid-19 levará cerca de 86 milhões de crianças no mundo à pobreza, segundo a *Save The Children* e pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2020), não existe a possibilidade de evitar uma pergunta fundamental, "você tem fome de quê"? **Certamente grande parte da população, seja por desconhecimento, desinteresse ou total falta de desejo, de manutenção de memória e história, fome em manter que não é! Então a resposta é simples, a fome não pode ser de cultura e história se a prioridade é outra.**

Mesmo com toda a problemática descrita, deve-se deixar algum legado para as gerações futuras, a fim de que não percam-se as memórias de nossas gentes!

Nossa dica?



Guia Básico de Educação Patrimonial
Maria de Lourdes Parreiras Horta,
Evelina Grunberg e Adriane Queiroz
Monteiro Edição: 1999



Bibliografia

DIEHL, Astor Antônio. Teorias da História. Cultura historiográfica (memória, identidade e representação). Bauru: EDUSC, 2002

DIEHL, Astor. Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação. Bauru: EDUSC, 2002.

LEMOS, Carlos A. C. O que é patrimônio histórico. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1981.

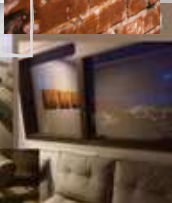
GOODEY, Brain. Olhar múltiplo na interpretação de lugares; In: MURTA, Stela Maris e ALBANO, Celina (orgs.). Interpretar o Patrimônio, um exercício do olhar. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.



SE VOCÊ QUER
ENCONTRAR NUMA
SÓ EMPRESA

ARQUITETURA,
CONSULTORIA DE
PROJETO PARA
REFORMAS E MELHORIAS
DE DESIGN E
ARQUITETURA,
DESIGN DE
INTERIORES,
PAISAGISMO,
CURSOS DE DESCORAÇÃO
PARA LEIGOS, E
CURSOS LIVRES...

VOCÊ ENCONTRA
AQUI



PARABOLOIDE. INCUBADORA DE IDEIAS
E-mail: contato@paraboloide.com
Atendimento: (+55-61) 99914-0661 ou (+55-61) 98177-2538



VITÓRIA
PANIFICADORA

20 ANOS

108 SUL
QI 15 LAGO SUL
AEROPORTO JK

**Revista 15.47 de arquitetura, arte, patrimônio e cultura.
PARABOLOIDE EDIÇÕES - Vol 01, n. 01 (setembro - 2020) Brasília - Online**

Mensal

Sumário Português

Disponível em :<https://paraboloide.com/revista-15-47>

010020201547

**1.Patrimônio 2-Brasília 3-Educação 4-Cultura 5-Tecnologia 6-Arte 7-Design
8-música 9-Lazer 10-turismo 11-Arquitetura 12- Urbanismo**

DIREÇÃO EXECUTIVA, DIREÇÃO DE ARTE E EDIÇÃO:

ANGELINA NARDELLI QUAGLIA

(PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS)

EQUIPE EDITORIAL:

PATRÍCIA IUNES DE ÁVILA E SILVA

MALU PERLINGEIRO

RUBENS PERLINGEIRO

JOÃO DINIZ

RENATA CORREA

BEATRIZ NRDELLI QUAGLIA BERÇOTT

LUCIANA AZEVEDO

JÉSER JUNIOR

REVISÃO GERAL:

ANGELINA NARDELLI QUAGLIA

ANDRÉ BERÇOTT

BEATRIZ NARDELLI QUAGLIA BERÇOTT

FOTOGRAFIA DE CAPA:

JOÃO DINIZ

AGRADECIMENTOS AOS FOTÓGRAFOS:

EDGARD CÉSAR E TONINHO TAVARES, PELAS FOTOGRAFIAS UTILIZADAS
NAS REPORTÁGENS "BRASÍLIA NUNCA SERÁ MAIS DO MESMO" E "NOSSA
SENHORA APARECIDA, ROGA POR NÓS".

PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS ARQUITETURA E URBANISMO LTDA.

BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL

CONTATO@PARABOLOIDE.COM

(+55-61) 99914-0661

(+55-61) 98177-2538